



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO**

RAYANE TOMAZINI BRESSANELLI

**UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A RESILIÊNCIA DE DUAS
MULHERES ATRAVESSADAS PELA ENCHENTE DO RIO BENEVENTE EM
ALFREDO CHAVES/ES**

**VITÓRIA
2022**



RAYANE TOMAZINI BRESSANELLI

**UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A RESILIÊNCIA DE DUAS
MULHERES ATRAVESSADAS PELA ENCHENTE DO RIO BENEVENTE EM
ALFREDO CHAVES/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como critério parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Gomes

VITÓRIA

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

T655e Tomazini Bressanelli, Rayane, 1984-
UM ESTUDO FENÔMENOLÓGICO SOBRE A
RESILIÊNCIA DE DUAS MULHERES ATRAVESSADAS
PELA ENCHENTE DO RIO BENEVENTE EM ALFREDO
CHAVES/ES / Rayane Tomazini Bressanelli. - 2022.
80 f. : il.

Orientador: VITOR GOMES.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Resiliência. 2. Fenomenologia. 3. Enchente. I. GOMES,
VITOR. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
Educação. III. Título.

CDU: 37

RAYANE TOMAZINI BRESSANELLI

**UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A RESILIÊNCIA DE DUAS
MULHERES ATRAVESSADAS PELA ENCHENTE DO RIO BENEVENTE EM
ALFREDO CHAVES/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como critério parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Gomes

Aprovada em: 12/09/2022

Banca Examinadora



Prof. Dr. Vitor Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo-
Orientador

Prof^a Dr^a Larissy Alves Cotonhoto
Instituto Federal do Espírito Santo)

Prof. Dr. Soler Gonzalez
Universidade Federal do Espírito Santo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por VITOR GOMES - SIAPE 2475712 Departamento de Teorias de Ensino e Práticas Educacionais - DTEPE/CE Em 13/09/2022 às 07:14

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/558646?tipoArquivo=O>

Prof. Dr. Vitor Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo- Orientador



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E
CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 22/09/2022

ATA DE DEFESA Nº 4/2022 - CEF-CGE (11.02.38.01.05)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 22/09/2022 13:07)

LARISSY ALVES COTONHOTO

COORDENADOR - TITULAR

CEF-CGE (11.02.38.01.05)

Matrícula: 1329649

Prof.^a Dr^a Larissy Alves Cotonhoto
Instituto Federal do Espírito Santo)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por SOLER GONZALEZ - SIAPE 2086070 Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE Em 13/09/2022 às 10:57

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/558915?tipoArquivo=O>

Prof. Dr. Soler Gonzalez
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pelo acalento, pelo amor que me move e fortalece.

Ao meu orientador, professor doutor Vitor Gomes, que depositou confiança em mim. Aprendi a admirar e respeitar pela humildade, capacidade, humanidade e profissionalismo. Deixo aqui todo o meu respeito e a minha gratidão.

Ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).

À Universidade Federal do Espírito Santo, pois, mesmo dentro de um cenário pandêmico, não deixou de ofertar aos seus alunos aulas de qualidade, com mestres dedicados ao ato de ensinar.

À minha mãe, pois ajudou a cuidar das minhas filhas para que eu pudesse me dedicar à pesquisa.

Aos meus colegas da turma Carolina Maria de Jesus, pois nunca soltaram a mão um do outro. Mesmo distantes fisicamente devido à pandemia da Covid-19 que enfrentamos desde o início do mestrado, sempre buscaram oferecer apoio e conselhos para que não desistíssemos.

Ao gestor da escola onde trabalho, Ricardo Paterlini, pois cooperou desde o início para que eu pudesse conciliar os horários de trabalho e estudos.

À professora doutora Larissy Alves Cotonhoto e ao professor doutor Soler Gonzalez pelo aceite de fazer parte de minha banca e pelas importantes contribuições.

Por fim, o meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

HINO À VIDA

Tão certo quanto o amigo ama o amigo,
Também te amo, vida-enigma
Mesmo que em ti tenha exultado ou chorado,
Mesmo que me tenhas dado prazer ou dor.

Eu te amo junto com teus pesares,
E mesmo que me devas destruir,
Desprender-me-ei de teus braços
Como o amigo se desprende do peito amigo.

Com toda força te abraço!
Deixa tuas chamas me inflamarem,
Deixa-me ainda no ardor da luta
Sondar mais fundo teu enigma.

Ser! Pensar milênios!
Fecha-me em teus braços:
Se já não tens felicidade a me dar
Muito bem: dai-me teu tormento.

Lou Andreas Salomé

RESUMO

A dissertação possui como objetivo central compreender como duas mulheres que vivenciaram os impactos da enchente do rio Benevente de Alfredo Chaves/ES apresentaram estratégias/comportamentos de sobrevivência/resiliência diante dessa experiência. Em termos de fundamentação teórica, utiliza conceitos de Envolvimento Existencial (EE) e Distanciamento Reflexivo (DR), de Yolanda Cintrão Forghieri; Tendência Atualizante, de Rogers e Kinget; Otimismo Trágico, de Viktor Frankl. Como revisão de literatura, apresenta conceitos sobre resiliência e exibe um recorte do estado do conhecimento sobre a temática no Brasil compreendido entre os anos de 2005 a 2020, fazendo uso do acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Metodologicamente fez-se uso da fenomenologia existencial. Os instrumentos utilizados para o desvelamento dos dados foram: observação, entrevistas e diário de campo. Entre seus resultados, apresenta que não há resiliência sem adversidades. Ser resiliente deriva-se de uma causa, ou seja, deriva-se de uma vivência de revés. Nas considerações finais, evidencia que as participantes expressam, na reação à adversidade do presente, do aqui-agora, sua vontade de viver e aproveitar cada minuto de suas vidas, em suma, de sua fenomenologia da resiliência.

Palavras-chave: Resiliência. Fenomenologia. Enchente.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to understand how two women who experienced the impacts of the flooding of the Benevente River in Alfredo Chaves-ES, presented survival strategies/behaviours/resilience in the face of this experience. In terms of theoretical foundation, it uses concepts of Existential Involvement (EE) and Reflective Distancing (DR) by Yolanda Cintrão Forghieri, Actualizing Tendency by Rogers and Kinget and Tragic Optimism by Viktor Frankl. In its literature review, it presents concepts about resilience and shows a clipping of the state of knowledge on the subject in Brazil between the years 2005 to 2020, making use of the collection of the Digital Library of Theses and Dissertations. Methodologically, existential phenomenology was used. The instruments used to reveal the data were: observation, interviews and a field diary. Among its results, it shows that there is no resilience without adversities. Being resilient is derived from a cause. In other words: if you are resilient, derived from a setback experience. In her final remarks, she shows that the participants express in their reaction to the adversity of the present, from the here-now, their will to live, to enjoy every minute of their lives, of their phenomenology of resilience.

Keywords: Resilience. Phenomenology. Flood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Alfredo Chaves no Espírito Santo.....	29
Figura 2 – Imagem panorâmica da cidade de Alfredo Chaves.....	30
Figura 3 – Foto pós-enchente.....	30
Figura 4 – Local de soterramento.....	31
Figura 5 – Momento de solidariedade.....	31
Figura 6 – Reconstrução da ponte localizada no centro da cidade.....	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações e teses da BDTD (2005-2020).....	38
Quadro 2 – Dissertações (resiliência, educação e inclusão).....	41
Quadro 3 – Teses (resiliência, educação e inclusão).....	42

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
GPEFE	Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação
IPCC	Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas
SPCC	Society for the Protection and Care of Children
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	14
1.1.1 Objetivo geral	14
1.1.2 Objetivos específicos	14
1.2 QUESTÃO/PROBLEMA DA PESQUISA.....	15
1.3 JUSTIFICATIVA	15
2 METODOLOGIA	17
2.1 A FENOMENOLOGIA EM ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.....	17
2.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA, PÚBLICO-ALVO, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA PARA ANÁLISE DE DADOS.....	19
3 HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE ALFREDO CHAVES	26
3.1 HISTÓRIA E GEOGRAFIA MUNICIPAL.....	26
3.2 IMAGENS DE ALFREDO CHAVES.....	29
4 ESTUDOS SOBRE RESILIÊNCIA	33
4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E INTRAPESSOAIS DA RESILIÊNCIA	33
4.2 OS ESTUDOS SOBRE RESILIÊNCIA NO BRASIL.....	37
4.2.1 RESILIÊNCIA E FENOMENOLOGIA.....	37
4.2.2 RESILIÊNCIA, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO.....	41
5 DUAS HISTÓRIAS E A ENCHENTE DO RIO	50
5.1 <i>ELZA, VIRGÍNIA</i> E A CHEIA DO RIO	50
6 UMA FENOMENOLOGIA DA RESILIÊNCIA DE <i>ELZA</i> E <i>VIRGÍNIA</i>	61
6.1 ADVERSIDADES, SUPORTES E RESILIÊNCIA	61
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A – UMA VERSÃO DE SENTIDO	80

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Alfredo Chaves/ES está situada às margens do rio Benevente, a 81 Km de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Apresenta aproximadamente 14.670 mil habitantes. Possui cachoeiras e outros pontos turísticos que atraem inúmeros visitantes.

Em 2020, sofreu uma tragédia derivada da ação humana. Depois de um volume grande de precipitação das chuvas, as águas do rio transbordaram a ponto de inundar grande parte da cidade. Moradias, comércios, escolas, igrejas e centenas de pessoas foram diretamente atingidas. Posso afirmar, como uma das vítimas das cheias do rio Benevente, que as perdas foram, além de danos materiais, também psicológico-emocionais.

A ocorrência de enchentes como essa tem se tornado cada vez mais recorrente nos grandes centros urbanos, especificamente em áreas de crescimento e ocupação irregular. Nesse sentido, não podemos dissociar tais incidências da responsabilidade humana e sua falta de planejamento, bem como da responsabilidade e sustentabilidade nos processos de ocupação urbana.

Segundo Tucci (2001), a ocorrência das enchentes pode estar relacionada a dois fatores importantes: naturais e antrópicos. As ocorrências dos fatores naturais relacionam-se ao relevo, à cobertura vegetal, à drenagem, à duração e à frequência das precipitações. Já os fatores antrópicos estão relacionados à ação humana, ou seja, à urbanização, ao desmatamento, ao manejo inadequado do solo, entre outras causas.

Danos à propriedade e mortes, ocasionados por intempéries como essas, costumam atingir com maior intensidade a população de menor condição econômica, que residem conseqüentemente em áreas de risco (geralmente impróprias à urbanização).

Em dias atuais, também resultam dos modelos de desenvolvimento humano que influenciam as condições de vulnerabilidade e exposição aos perigos, por meio da transformação do ambiente natural de forma exploratória e insustentável (PEREIRA, 2017, p. 29).

O aumento demográfico e conseqüentemente o desenvolvimento econômico e social levam a população em direção ao esgotamento dos recursos naturais. Dessa forma, emergem como fatores potencializadores degradativos, tais como alteração do solo, desmatamento, assoreamento dos rios, deterioração da qualidade da água, desvios dos cursos dos rios, inundações e outros. Portanto, as atividades humanas passaram a interferir nas mudanças climáticas. O próprio efeito estufa, resultante da liberação significativa de gases como o dióxido de carbono (GEE) é um exemplo disso.

O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), órgão das Nações Unidas, responsável por produzir informações científicas, afirma que há 90% de certeza que o aumento de temperatura na Terra é causado pela ação do homem (PAINEL INTERGOVERNAMENTAL DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS [IPCC], 2021).

Os impactos da ação humana sobre o meio ambiente provocam efeitos contrários à sua própria existência, cristalizando-se em adversidades iniciadas com potência de destruição incalculáveis, cujas conseqüências econômicas e/ou sociais de perdas (humanas ou materiais) são provocadoras de danos psicológico-emocionais.

Voltando à realidade local e apresentando meu lugar de fala, uma vez que resido próxima ao rio, fui uma das vítimas de sua enchente. Na vivência de tal ocorrência, fui assolada pelos sentimentos de medo e desespero diante das perdas humanas e materiais. No entanto, passado algum tempo, carrego comigo o sentimento de gratidão, pois estou viva e assim posso seguir e reconquistar o que foi materialmente perdido.

Como vítima e testemunha dessa tragédia, durante a enchente, em meio aos sofrimentos individuais, presenciei atos de solidariedade de indivíduos que tiveram forças para ajudar o próximo; doando o pouco que ainda lhes restavam. Eram alimentos, bens materiais, mão de obra e palavras de conforto. Enfim, em meio ao “caos”, havia centelhas de esperança, suporte mútuo e enfrentamento diante daquela “caixa de pandora” aberta a todos nós.

O público mais atingido com a enchente do rio Benevente de Alfredo Chaves foram os moradores e comerciantes que residem próximos à margem do rio ou em bairros cuja falta de drenagem, dificuldade de escoamento das águas e infraestrutura

comprometem a qualidade de vida dos moradores. Houve também aqueles que habitam em terrenos e ecossistemas de equilíbrio frágil e correm o risco de sofrer com desmoronamentos dos morros.

Nesse evento, fui expectadora de atos de solidariedade diante ao sofrimento do próximo — do outro materializado na existência e que necessitava de auxílio. Permito-me a inferência que naquele espaço-tempo o sentimento de empatia rivalizava com a dor sentida e testemunhada, mas a ela resistia. Justamente essa capacidade/flexibilidade diante ao adverso (contemplada e sentida) diante da enchente me motivou a realização de uma pesquisa de nível de mestrado que enseja investigar sobre processos de resiliência psicológica.

Da mesma forma que o trágico causa impacto na realidade dos indivíduos, a resiliência, ou seja, a capacidade/ flexibilidade psicológica e/ou comportamental diante de revezes se faz presente como “ferramenta” potencializadora de sua superação e/ou do lidar positivo diante do que poderia ser exclusivamente destrutivo.

Segundo Grotberg (2003, p. 20), a resiliência pode ser definida como a “[...] capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidades”, sendo reconhecida como um subsídio para a promoção da saúde mental e emocional, contribuindo para a constituição da qualidade de vida.

É necessário pontuar que a humanidade é marcada por adversidades que serviram de impulso para seu fortalecimento diante das tribulações individuais/coletivas ou promotoras de seu estado inverso (GOMES, 2004). Nos revezes se estabelecem os tempos-espços de emanção de comportamentos resilientes a partir de fatores de proteção¹ (CALIMAN, 2000) e/ou construções de estados de desamparo adquirido² derivados de elementos destressores (NUNES,1998). Na segunda possibilidade, o dano é mais forte do que a capacidade de enfrentamento. Pontua Gomes (2004, p. 11):

¹ São características particulares que servem como proteção diante dos impactos traumáticos.

² Para Nunes (1988, p.9), trata-se de traço emocional, desenvolvido após repetidas situações não gratificantes, de impotência e impossibilidade de promover mudanças nos eventos externos a ele relacionados.

A história da humanidade foi construída apesar (e com) das adversidades com as quais o homem sempre manteve um relacionamento de dança, um verdadeiro movimento corporal dançado que, em alguns momentos, foi mortal, seja devido ao próprio dançarino, seja devido ao ambiente provocador desse som nem sempre translúcido. Afinal, o que dizer da Peste Negra, das Grandes Guerras, da fome e das catástrofes naturais? O que dizer do ser diante dessas intempéries? O quê? Sabemos também que a humanidade sobreviveu a todos esses tormentos perseverando, persistindo e continuando sua caminhada existencial de ser no mundo. É bem verdade que muitos caíram e nunca se ergueram, mas é também igualmente verdade que houve tantos outros que apesar (e com) de todo o sofrimento tiveram forças para se reerguerem e/ou continuar e enfrentar seus desafios adversos.

Sendo assim, resiliência é possibilidade de enfrentamento, adaptação e superação diante das situações de tribulação. Dentro desse prisma, volto-me para uma realidade local. A partir do contexto apresentado, esta dissertação, que possui como linha de pesquisa a temática Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão, realizou um estudo fenomenológico eidético voltado para descrição e compreensão de uma fenomenologia da resiliência de indivíduos (dessa realidade local) que vivenciaram perdas, mas concomitantemente apresentaram resiliência diante dessa vivência trágica.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Compreender como duas mulheres, que vivenciaram os impactos da enchente do rio Benevente de Alfredo Chaves/ES, apresentaram estratégias/comportamentos de sobrevivência/resiliência diante dessa experiência.

1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever processos de resiliência de duas mulheres após os impactos da enchente do rio Benevente a partir de viés fenomenológico-eidético.
- Compreender como se deu uma fenomenologia da resiliência dessas duas mulheres.
- Construir, como produto, videoaulas temáticas acerca de educação e resiliência (apresentadas por esta pesquisadora), que serão disponibilizadas no canal do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação (GPEFE) da Universidade Federal do

Espírito Santo (UFES), nas quais a resiliência será apresentada como capacidade a ser aprendida. O público-alvo desses vídeos serão professores, educadores, instrutores e demais profissionais de educação que atuam em espaços escolares e não escolares.

1.2 QUESTÃO/PROBLEMA DA PESQUISA

A questão/o problema de pesquisa ensejou responder a seguinte pergunta: como duas mulheres que vivenciaram os impactos causados pela enchente do rio Benevente de Alfredo Chaves/ES apresentaram modos e/ou possibilidades de ser resiliente a partir de suas experiências?

1.3 JUSTIFICATIVA

Resiliência é capacidade essencial para o desenvolvimento relacional e afetivo de todo ser humano, pois desperta processos emocionais saudáveis para o enfrentamento das adversidades particulares ou coletivas. Assim, compreendemos que sua ação se converte no cuidar de si e do outro. São comportamentos, percepções e palavras que alimentam cuidados e que auxiliam na manutenção da saúde mental.

A cada dia mais pessoas consideram a resiliência uma característica da saúde mental. De fato, foi reconhecida como aporte à promoção e à manutenção da saúde mental. O papel da resiliência é desenvolver a capacidade humana de enfrentar, vencer e sair fortalecido de situações adversas e transformado. É um processo que excede o simples 'superar' essas experiências, já que permite sair fortalecido por elas, o que necessariamente afeta a saúde mental (GROTBERG, 2005, p. 18).

A partir dessa ideia, compreendemos que o estudo da resiliência, sob um viés fenomenológico-eidético³, pode auxiliar na compreensão desses processos intrapessoais e subjetivos em relação de maior aproximação empática.

Destarte, a presente dissertação se faz mister como possibilidade de compreensão e incentivadora dessa capacidade. Por fim, como professora, intuo que seus resultados podem contribuir com minha prática docente e, a partir do compartilhamento das

³ A teoria fenomenológico-eidética tem como intuito a elucidação do vivido.

histórias particulares de superação e/ou enfrentamento das adversidades, pode apresentá-la como capacidade a ser aprendida (COSTA, 1999).

Conforme podemos observar, inúmeros conceitos sobre resiliência são apresentados entre os autores, mas há um ponto em comum entre eles que pode resumir-se na capacidade humana, seja ela individual, seja coletiva, de lidar positivamente com uma situação adversa, de sofrer com os impactos causados por ela, mas, acima de tudo, de ter forças para se reerguer.

2 METODOLOGIA

Apresentadas as questões introdutórias e objetivos, nesta seção descreveremos os aspectos relativos à abordagem de pesquisa, evidenciando a descrição, os instrumentos para coleta de dados, a fundamentação teórica e os aspectos éticos.

2.1 A FENOMENOLOGIA EM ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Ao imergirmos nas questões etimológicas em busca da origem da palavra “fenomenologia”, observamos sua derivação como produto da fusão dos vocábulos gregos *phainomenon* (fenômeno), originado de *phaino*, daquilo que se apresenta como visível (CAMPOS, 2007) e *logos* (estudo/ ideia).

Assim, em termos de definição, a fenomenologia é estudo sobre os fenômenos que se apresentam diante de nossos sentidos perceptivos imediatos (GOMES, 2004). Conhecida como ciência das essências, a fenomenologia enseja estabelecer um discurso esclarecedor diante aquilo que se apresenta na existência.

Se pudéssemos estabelecer alegoricamente o idioma original da fenomenologia, seria alemão, uma vez que seus principais pensadores são originários desse país. Seu precursor é considerado o filósofo e psicólogo Franz Brentano, entretanto é com o matemático (e filósofo) Edmund Husserl que se estabelecem seus pilares e concepções-base.

Os trabalhos de Husserl influenciaram o pensamento de outros teóricos a partir de aproximações, releituras, aprofundamentos e/ou concepções distintas. Destacamos: Martin Heidegger, Martin Buber, Edith Stein, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Yolanda Cintrão Forghieri e outros que contextualizaram seus preceitos de acordo com os aspectos sócio- históricos de suas realidades. Nesse sentido, enuncia Fraga (2019, p. 16):

A fenomenologia sofre aproximações e influência do humanismo existencial, na época da Segunda Guerra Mundial, e de conceitos de pensadores como Maurice Merleau-Ponty. Logo, busca a essência dos fenômenos na existência do ser em sua imersão no mundo em movimento

num continuum espacial e temporal, captando sentidos e significações em sua vivência concreta.

Como metodologia de pesquisa, os estudos fenomenológicos registram fenômenos em busca de suas essências em suas existências, ou seja, a partir do que é visível, do que é observado. É nessa dimensão de ser-no-mundo (HEIDEGGER, 1995) que se dá a imersão para busca compreensiva da essência do fenômeno. Para Moreira (2002, p. 117),

[...] existe apenas um método fenomenológico, contudo este admite muitas variantes, e mais, o direcionamento de como o método será utilizado não depende da área de pesquisa, mas sim, da maneira de utilização/significação individual de cada autor.

E como se aprende fenomenologia?

Aprende-se o que é Fenomenologia passo a passo, através da leitura, discussão, e reflexão... O que é necessário é mais simples: aprender o que se deve através de atitudes naturais, tentar descrever as apresentações sem pré-julgar os resultados tomando por garantia a história, a causalidade, intersubjetividade, e valor que ordinariamente associamos com nossa experiência, e examinar com absoluto cuidado a estrutura do mundo da vida diária para que possamos entender sua origem e sua direção... Há um senso legítimo no qual é necessário dizer que se deve ser um fenomenólogo para poder compreender a Fenomenologia (NATANSON, 1998 *apud* GOMES, 2008, p. 97).

Neste sentido, como aprendente inicial na fenomenologia, ensejo aprofundar-me (em seu estudo) a partir da imersão em leituras, nas quais, em movimento de devir, edifico a base de meu ser/sendo pesquisadora iniciante, intuindo que, no futuro, a partir do entrelaçamento com concepções, modos de ser e compreensão da realidade, possa construir minha forma de ser fenomenóloga.

É por meio de aproximações com o existencialismo que alguns dos conceitos fenomenológicos são ressignificados, de acordo com tempo/espacos/contextos da realidade. Dessa forma, apresentaremos algumas de suas concepções a partir do viés de sentido do humanismo pós-guerra, que compreendemos com maior aproximação com as concepções deste estudo. Apresentando alguns deles:

- ✓ Essência: em aproximação com Merleau-Ponty, pode ser definida como o âmago não estático de um fenômeno; por isso, é delimitada pelo contexto, pelo espaço e pela percepção (MERLEAU-PONTY, 2011). Em Sartre, “a existência

precede a essência” (GOMES, 2004, p. 60), ou seja, o homem como indivíduo em movimento é um ser/sendo, cuja definição se dá pelos atos e pelas escolhas; dessa forma, se o indivíduo não é estático, sua essência também não.

Em relação à concepção de essência, é preciso dizer que, dentro do contexto citado, está condicionada a aspectos sócio-históricos-temporais. Ou seja: sua dimensão é mutável, sendo seu evidenciamento, apenas um recorte de realidade relacionado a espaços-tempos relacionados à subjetividade compreensiva de cada pesquisador. Assim, seu desvelamento só é possível a partir da descrição minuciosa do que é observado, compreendendo que, ainda assim, estará sujeita às nossas limitações perceptivas (GOMES; MACIEL JUNIOR; ALMEIDA, 2019, p. 10)

- ✓ Intencionalidade: é a conexão entre consciência e as coisas atribuindo-lhes sentido. A intencionalidade unifica sujeito e objeto. Quando observamos algo, adicionamos compreensão e/ou necessidade de entendimento a ele.
- ✓ Suspensão (*epoché*): trata-se de atitude de afastamento de apriorismos, crenças e hipóteses sobre o que se observa com intuito de observar os fenômenos na forma como se apresentam. Mesmo compreendendo que tal ação nunca será absoluta, uma vez que somos sujeitos carnis (MERLEAU-PONTY, 2011), o/a fenomenólogo/a deve minimizar suas ações a partir comportamentos não diretivos (GOMES, 2004).

2.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA, PÚBLICO-ALVO, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA PARA ANÁLISE DE DADOS

Trata-se de pesquisa fenomenológico-eidética sobre os processos de resiliência de duas mulheres⁴ que vivenciaram as cheias do rio Benevente em Alfredo Chaves, no Espírito Santo. Essa modalidade de estudo enseja compreender fenômenos experienciados (HOLANDA, 2003). Dessa forma, indagação e objetivos são motivados pela elucidação do vivido, realizado instrumentalmente na observação e descrição. Desejamos imergir compreensivamente nos sujeitos e nas suas vivências, ações e emoções, buscando descrevê-los para o futuro estabelecimento de uma compreensão de questões, a saber: como se desvelou sua fenomenologia da

⁴ A terminologia mulheres atravessadas pela enchente do Rio Benevente, refere-se às mulheres que vivenciaram os impactos causados pela mesma.

resiliência diante da vivência do trágico? Quais seus pilares de reconstrução? Como ocorreu o ser/sendo resiliente diante das adversidades?

É necessário expressar que a escolha por esse caminho se deu a partir de “vivência na carne” de tal experiência. Nesse sentido, fui testemunha ocular e concomitantemente vítima de catástrofe local. Por isto, compreendo que os impactos causados na vida de cada morador/a foram materiais e emocionais. Como espectadora, pude observar que a empatia se fez presente na vida daqueles que, mesmo “atingidos” em amplos aspectos, apresentaram empoderamento em atitudes de auxílio ao próximo.

Apresentado o contexto desta dissertação, nosso universo delimitado de estudo é composto de duas mulheres domiciliadas na cidade de Alfredo Chaves, vítimas da enchente do rio Benevente ocorrida no início do ano de 2020. O critério de escolha e/ou inserção desses indivíduos ocorreu a partir da apresentação de atitudes de resiliência e empoderamento das vivências adversas derivadas do evento citado. Assim, há um espaço-tempo *ex pos facto*, isto é, após o acontecimento de um evento, sobre o qual, realizamos a compreensão de seu efeito dentro do nosso foco de estudo.

Em termos éticos, é preciso expressar que esta dissertação cumpriu as determinações da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde⁵, que versa sobre as diretrizes das pesquisas com seres humanos. Conforme a lei citada, são direitos do/a participante de uma pesquisa:

I - ser informado sobre a pesquisa; II- desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; III - ter sua privacidade respeitada; IV – ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública; VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII – o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016, p. 6).

Dessa forma, após a submissão e o parecer de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos desta universidade, iniciamos nossa pesquisa de campo com participantes que consensualmente aceitaram abordar sua história. Uma

⁵ O projeto foi aprovado segundo o Parecer 5.290.742 do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo.

vez que existiu esse consentimento, aplicamos o Termo de Livre Consentimento Esclarecido, resguardando assim a garantia de que as participantes foram informadas em relação aos procedimentos do estudo e de suas garantias legais.

Como instrumentos para coleta de dados fizemos uso de:

- ✓ Entrevistas – realizadas individualmente (e gravadas), nas quais, a partir de postura não diretiva, desejamos capturar o que se diz, entretanto sem induzir e/ou sugerir respostas específicas.

A entrevista fenomenológica permite ir ao cerne das experiências vividas de pessoas, permitindo a narração das mesmas de forma trazer à tona a consciência interiorizada, o que permite o desnude do “cogito” de cada indivíduo (JOAQUIM *et al.*, 2020, p. 8).

A entrevista na fenomenologia possui como intuito possibilitar ao outro a narrativa de suas experiências vividas (RANIERI; BARREIRA, 2010) para sua posterior transcrição e compreensão do que foi dito. Nesse sentido, opta-se por questões de caráter aberto do tipo: fale sobre isso! O que é isso? Delineiam-se pontos a serem aprofundados, entretanto sem direcionamento de respostas, com o intuito de não causar cansaço ao participante. Nesta pesquisa, elas tiveram duração média de 20(vinte) minutos.

- ✓ Versão de sentido (VS) – consiste no relato/registo imediato⁶ após a experiência vivenciada pelo pesquisador, imbuído de suas emoções sobre o determinado acontecimento (AMATUZZI, 2010). Esse tipo de instrumento é frequentemente utilizado em abordagens humanistas.

É utilizado comumente se, durante a observação de um fenômeno e/ou entrevista, o/a pesquisador/a for impactado/a de tal forma que o sentido do que foi dito ou vivenciado impeça a sua exclusiva descrição. Assim, poderá fazer uso da VS como forma de expressão do seu sentimento evocado e/ou sentido interiorizado diante do fenômeno experienciado (GOMES, 2004).

⁶ Do/a pesquisador/a sobre sua experiência.

- ✓ Diário de campo – em que realizamos o registro das VS deflagradas pelas entrevistas e/ou de situações não planejadas. Os registros foram realizados o quanto antes, para que assim pudéssemos ser fidedignos ao conteúdo.

Em termos de fundamentação teórica utilizamos os conceitos de Envolvimento Existencial (EE) e Distanciamento Reflexivo (DR), de Yolanda Cintrão Forghieri; Tendência Atualizante, de Carl Rogers e Kinget, e Otimismo trágico, de Viktor Frankl. Dessa forma, com intuito de sua conceituação, apresentamos suas definições sucedidas por nossa compreensão acerca de sua utilidade nesta pesquisa:

- ✓ Envolvimento Existencial (EE) – refere-se à etapa inicial de uma pesquisa fenomenológica, em que se estabelece a observação livre, desarmada, espontânea, numa abertura perceptiva que permite com que o fenômeno se desvele diante da observação (FORGHIERI, 1993), numa imersão existencial (empática) em concomitância à “suspensão” de apriorismos.
- ✓ Distanciamento Reflexivo (DR): trata-se do espaço-tempo de uma pesquisa fenomenológica, no qual o pesquisador deve estabelecer um distanciamento reflexivo com sua vivência de pesquisa para refletir sobre os seus sentidos e significados.

Os momentos simbólicos apresentados por Yolanda Forghieri são compreendidos como compostos de observações-sentidas (a partir do EE), em que a intuição, a imersão e a descrição literal do que se observa se faz presente na reflexão teórica (DR), em que a racionalidade se evidencia a partir da leitura de dados, associada com teorias científicas que podem elucidá-los.

Acreditamos que tais conceitos foram úteis à nossa pesquisa, pois contribuíram para sua consolidação, assim como a própria vivência, o sentir e o participar dos fatos, mantendo distanciamento necessário para que a fidelidade à escrita pudesse fazer jus ao ato de ouvir. É importante ressaltar as contribuições pessoais de Yolanda Cintrão Forghieri para uma perspectiva psicológica fenomenológica.

Ela nasceu em Taquaritinga, cidade do interior de São Paulo, mas, aos três anos de idade, foi morar em São Paulo capital junto a sua família. Desde pequena, sentiu-se motivada pela leitura e contação de histórias. Contava histórias para seus primos e

amigos a ponto de emocioná-los e empolgá-los. Já a formação de terapeuta foi instigada pela vivência com sua mãe, pois sofria de ansiedade e sentia constantemente o medo da morte.

Sua trajetória clínica começou por meio de leituras aprofundadas sobre o autor Carl Rogers, mas, após vivenciar em seu lar uma situação de violência (assassinato), compreendeu que o homem não é tão bom em sua essência. A partir de então, busca descrever as “características básicas do existir”, respaldando-se em autores como: Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger e Buber.

Durante uma entrevista realizada pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) em 2013, Forghieri disse: [...] “Que os psicólogos e estudantes de psicologia estudem racionalmente todas as teorias psicológicas, mas deixem que algumas produzam eco em seu coração”, ou seja, o ser humano se torna diferente a partir do momento que experimenta o amor. Dizia Blaise Pascal ainda na antiguidade: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

- ✓ Tendência Atualizante – trata-se da inclinação humana ao (auto) restabelecimento diante ao adverso, numa propensão natural de autopreservação que se apresenta em termos biológicos e comportamentais favorecendo a saúde orgânica e mental de um indivíduo (ROGERS; KINGET, 1979).

Nesse conceito, encontramos uma visão de homem humanista/existencial, que cremos ter auxiliado na compreensão do “como” pessoas que passaram por experiências negativas puderam se recuperar, adaptar e/ou lidar positivamente com tais situações.

Carl Roger (1902-1987) foi um psicólogo norte-americano que desenvolveu a psicologia humanista. Desde 1928, trabalhava com crianças no *Rochester Society for the Prevention of Cruelty to Children* (NY)⁷ Pelo fato de debater diferentes

⁷ A primeira Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra Crianças foi incorporada na cidade de Nova York. Em 1994, a agência mudou seu nome de *Society for the Prevention of Cruelty to Children* para *Society for the Protection and Care of Children*, e agora é conhecida simplesmente como SPCC. Atualmente a SPCC opera sete programas que, juntos, atendem mais de 7.000 pessoas por ano.

perspectivas antagônicas, que versavam desde uma visão ultra psicanalítica à ultra estatística, passou então a desenvolver uma perspectiva própria, diferente das abordagens acadêmicas convencionais. Foi um dos responsáveis pela legitimação do fazer psicológico (SANTOS, 1988).

Sua postura como profissional sempre esteve pautada em sólidas pesquisas e observações clínicas. Por meio de uma postura não diretiva, desenvolveu a terapia centrada no cliente. Enfatizava uma postura ativa no sentido de ajudar a pessoa a se ajudar e, desde 1945, dedicou-se a ajudar a diminuir o sofrimento dos ex- combatentes das guerras.

- ✓ Otimismo Trágico – é um otimismo diante da tragédia, tendo em vista o potencial humano que, nos seus melhores aspectos, sempre permite transformar o sofrimento numa conquista, numa realização humana; permite fazer da transitoriedade da vida uma oportunidade de crescimento pessoal e de incentivo para a realização de ações responsáveis. Para Frankl, há no ser humano um forte desejo de encontrar na sua vida, uma vida no mundo. Os problemas são indissociados às pessoas e a ajuda ao homem está, ao nosso sentir, na escuta clínica de sentido, objetivando que ele mesmo encontre o sentido da vida, um otimismo de enfrentamento às tragicidades do viver e do existir no/do/com o mundo. “Quem tem por que viver aguenta quase qualquer como”. (FRANKL, 1991, p. 48).

Vitor Emil Frankl foi um neuropsiquiatra austríaco que ficou conhecido mundialmente depois de descrever sua experiência dramática em quatro campos de concentração nazistas. Por meio de seu livro e *best- seller* intitulado *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, criou a primeira ciência especializada em sentido da vida do mundo.

Frankl, juntamente de sua esposa grávida e demais famílias — que eram judeus —, foram deportados para diferentes campos de concentração em 1942, chegando a receber tatuagem de prisioneiro. No fim da Segunda Guerra Mundial, foi libertado, mas infelizmente recebeu a informação de que sua esposa havia falecido. Além de sua esposa grávida, Frankl também perdeu seus pais e seu irmão durante o holocausto nazista.

Essa experiência pessoal trágica e desumana deixou marcas em sua obra terapêutica e em seus escritos, pois, apesar de todo sofrimento, foi capaz de manter a liberdade de espírito. Por meio de sua obra *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, apresenta-nos o quanto o ser humano é capaz de sobreviver às adversidades da vida, às pressões psicológicas, às dores físicas, enfim, superar e seguir em frente, mantendo o que chama de “otimismo trágico” — a esperança no amanhã em meio ao caos hoje vivido.

Para o psicólogo, a vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo nas mais miseráveis. Por essa via, é possível aprendermos com os erros e as dificuldades do passado e nos mantermos firmes. Tal conceito corrobora a nossa pesquisa, servindo como eco aos relatos de duas mulheres que obtiveram perdas em seus múltiplos aspectos, decorrentes da enchente do rio Benevente, e mantiveram-se, num contexto teórico frankliano, tragicamente otimistas.

Por último, a metodologia para análise de dados ocorreu a partir do registro do que foi coletado e lavrado pelos instrumentos citados. Para isso, efetuamos as transcrições das entrevistas realizadas com questões do tipo aberto e abordagem não diretiva de forma meramente descritivas. Tal ação ensejou alcançar teórico-conceitualmente o “movimento” simbólico que coloca o fenômeno em destaque e minimiza os apriorismos.

Depois das descrições, registradas em diário de campo, realizamos a extração de unidades de significado, a partir das quais realizamos entrelaçamentos com a literatura científica sobre a área.

3 HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE ALFREDO CHAVES

Nesta seção, discorreremos brevemente sobre a História e a Geografia do município de Alfredo Chaves com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), tal como com base nas informações obtidas no site oficial da Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves. Por meio dessas informações, foi possível compreender melhor os fatores que contribuíram para a ocorrência de enchentes nessa região.

3.1 HISTÓRIA E GEOGRAFIA MUNICIPAL

Para conhecermos um pouco sobre a história do município de Alfredo Chaves, precisamos nos reportar ao período da colonização dos portugueses no século XIX. A partir do momento que Augusto José Álvares e Silva, guarda da Corte, recebeu de Dom Pedro II 500 alqueires de terra, essa área passou a ser dividida em cinco partes recebendo o nome de Sesmarias: do Norte, do Sul, do Leste, do Oeste e Quatinga (ALFREDO CHAVES, 2017).

Durante esse período, Augusto Álvares e Silva casou-se com Macrina Raquel da Conceição, filha de português de Campos dos Goitacazes- RJ. Desta União, tiveram cinco filhos. Após o falecimento do marido, Macrina herdou as Sesmarias e doou aos pobres que não tinham moradia (a área do cemitério). A partir de então, o lugar passou a se chamar Povoação de Nossa Senhora da Assumpção.

Com o passar do tempo, após a chegada dos jesuítas de Benevente e a construção da igreja, o nome passou a ser chamado de Povoação de Nossa Senhora da Conceição. As Sesmarias (com o passar do tempo) foram herdadas pelos filhos de Augusto e Macrina.

Em 1887, imigrantes italianos desembarcaram em Benevente, à procura de terras para plantar e sustentar suas famílias. Eles chegaram em canoas, subiram o rio até a Sesmaria Quatinga e fundaram o povoado chamado Alto Benevente. Devido ao risco de enchentes e aos ataques indígenas, alguns imigrantes buscavam áreas mais elevadas batizadas como Todos os Santos. Assim que chegavam na região, ficavam

em barracões, também chamados de “ hospedaria dos imigrantes”, onde aguardavam “amontoados”, à espera de um pedaço de terra para cada família.

A decisão seria dada pelo encarregado do governo da época, o que, muitas vezes, levava tempo. Enquanto isso, recebiam alimentos e ficavam à espera. Assim que tomavam posse do pedaço de terra que lhes eram cedidas, passaram a transformar as verdes florestas em cafezais e lavouras.

Com a chegada de novos imigrantes por volta de 1878, Dom Pedro II enviou o ministro da colonização, o engenheiro Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves para expulsar todos os índios instalados nas fazendas Togneri e Gururu. A partir de então, o município recebeu o nome de Alfredo Chaves, como forma de homenagear o ministro da colonização.

Com base no contexto histórico do município de Alfredo Chaves, a formação étnico-racial do município é fundamentada na formação de euro-descendentes e, em sua história oficial, observa-se a valorização da colonização portuguesa e a importância da imigração europeia do século XIX.

Não se encontram registrados nos livros e nas apostilas da história do município a chegada de negros na região, apenas a informação que a senhora Macrina, herdeira de terras onde hoje é a sede do município, doou aos pobres um espaço geográfico montanhoso (morro do cemitério).

Avançando no tempo e, em termos de formação administrativa, o distrito denominado Alfredo Chaves foi criado por Decreto Estadual de 24 de janeiro 1891 (Lei Estadual nº 1.220, de 31 de janeiro de 1891), subordinado, até então, ao município de Anchieta (ex-Benevente). A partir do momento que foi elevado à categoria de vila com a denominação de Alfredo Chaves, pelo referido decreto, Alfredo Chaves passou a ser desmembrado de Anchieta e, assim, constituído distrito-sede (ALFREDO CHAVES, 2017). Em divisão territorial, datada de 1979, o município passou a ser constituído de sete distritos: Alfredo Chaves, Crubixá, Ibitiruí, Ribeirão do Cristo, Sagrada Família.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([IBGE], 2010), a cidade de Alfredo Chaves possui uma área territorial de 615.677km² e uma população estimada em 14.670 pessoas. Segundo a classificação climática de Köppen, o clima

da região é classificado como tropical úmido, com estação seca de inverno. A precipitação média anual e a umidade relativa são iguais a 1.566 mm e 83%, respectivamente, sendo a temperatura média anual igual a 22°C.

O relevo é classificado como montanhoso com picos e vales, tais como Pico do Tamanco, Pico do Gururu, Salto D'água, Serra Pão Doce, Serra do Batatal, Serra Richmond e Serra Boa Vista. Os solos predominantes da região são classificados como latossolo vermelho amarelo distrófico, com fertilidade variando de média a baixa e pH moderadamente ácidos em torno de 5,0 (ALFREDO CHAVES, 2017).

Segundo Freitas e Ximenes (2012), a região possui maior índice pluviométrico, comparado a outras regiões do estado, potencializando ainda mais os picos de enchentes. De acordo com os estudos de Lorenzon e outros (2014) sobre a bacia hidrográfica do rio Benevente, constatou-se que alguns fatores são os principais causadores das enchentes do município de Alfredo Chaves, entre os quais os elevados valores de declividade do rio principal e da bacia, decorrentes da grande variação de altitude na bacia do rio Benevente, como também os expressivos valores de densidade de drenagem. Além disso, a maior parte da população que foi atingida encontra-se em áreas próximas a cursos d' água, resultando em perdas significativas de âmbito econômico, ambiental e social.

Com base nas informações presentes no Plano Municipal de Saneamento Básico da prefeitura de Alfredo Chaves, no que diz respeito à ocupação do solo urbano, há fiscalização, mas ela não ocorre de maneira ampla em todo o município, isso somado a outros fatores, como o aumento populacional, a ocupação desordenada sem mecanismos favoráveis ao ordenamento do solo, o desmatamento para a construção de moradias e/ou indústrias, a poluição e o descarte inadequado do lixo, tudo isso prejudicando a fauna, a flora e conseqüentemente a bacia hidrográfica e os leitos dos mananciais, contribuindo assim na ocorrência de enchentes (ALFREDO CHAVES, 2017).

3.2 IMAGENS DE ALFREDO CHAVES

A seguir, apresentaremos uma sequência de imagens que demonstram desde a localização geográfica da cidade no estado do Espírito Santo, tal como a situação em que a cidade ficou após o impacto da enchente do Rio Benevente no ano de 2020.

Vizinha dos municípios de Anchieta, Marechal Floriano e Piúma, a cidade de Alfredo Chaves fica situada a 10 km ao norte-leste de Anchieta. O município pertence à região Sul do estado do Espírito Santo, limitando-se ao norte com Marechal Floriano e Domingos Martins; ao sul, Iconha e Rio Novo do Sul; a leste, Anchieta e Guarapari e a oeste, Vargem Alta.

Figura 1 – Localização de Alfredo Chaves no Espírito Santo



Fonte: IBGE (2010).

Figura 2 – Imagem panorâmica da cidade de Alfredo Chaves



Fonte: Alfredo Chaves (acesso em 20 dez. 2021).

Na Figura 2, registra-se a imagem da cidade de Alfredo Chaves e do principal afluente que corta a cidade, o rio Benevente, anos antes da enchente ocorrida. Observa-se uma cidade ainda bem arborizada. As moradias já estavam próximas aos cursos d'água, porém ainda com menor intensidade. O volume das águas do rio que corta a cidade estava em seu estado normal. Tudo fluía aparentemente bem.

Figura 3 – Foto pós-enchente



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Na Figura 3, fotografamos a cidade de Alfredo Chaves após a enchente do rio Benevente, ocorrida em 2020. A imagem representa a ponte localizada no centro da cidade totalmente destruída. Grande parte dela ainda estava submersa. Justamente nessa rua, bem próxima à ponte, resido junto à minha família.

Figura 4 – Local de soterramento



Fonte: Acervo pessoal (2020).

A Figura 4 apresenta o local onde duas vítimas fatais foram soterradas no bairro Cachoeirinha, em Alfredo Chaves.

Figura 5 – Momento de solidariedade



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Essa imagem apresenta o ginásio de esportes de Alfredo Chaves, localizado no bairro Ouro Branco, ao lado da escola estadual do município, repleto de doações. Moradores

locais, como também de municípios e cidades vizinhas, uniram-se em prol da população, vítima das cheias do rio Benevente.

Figura 6 – Reconstrução da ponte localizada no centro da cidade



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Essa é uma foto da cidade de Alfredo Chaves no ano de 2021. A ponte localizada no centro da cidade foi reconstruída, assim como inúmeras outras no interior da cidade. Muros de contenção foram feitos, como também o desassoreamento do rio, mas, mesmo assim, toda vez em que ocorre chuva intensa, os moradores ficam aflitos, pois hoje compreendem que o rio precisa de seu espaço e sentem na pele as consequências de residirem muito próximos aos cursos d'água.

4 ESTUDOS SOBRE RESILIÊNCIA

Nesta seção, apresentaremos conceitos sobre resiliência, tal como depreendeu-se do recorte do estado do conhecimento sobre a temática no Brasil, fazendo uso do acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E INTRAPESSOAIS DA RESILIÊNCIA

Vivemos num momento de grandes mudanças tecnológicas que impactam a vida política, econômica e cultural em escala planetária. Junto a tais mudanças, aumentam as desigualdades sociais, a pobreza, a poluição, o aquecimento global, a destruição do meio ambiente, as enchentes, a propagação de doenças que se transformam em pandemias, como a que estamos enfrentando desde 2020 aos dias atuais — a pandemia do coronavírus —, que deixam a população amedrontada e perplexa.

Mediante tais mudanças e considerando as exigências da contemporaneidade, compreendemos a necessidade da construção de uma educação que privilegie uma formação crítica e promotora de justiça social, solidariedade, empatia, resiliência, autonomia e outros aspectos. Dentro desse prisma, a transdisciplinaridade⁸ é um possível caminho para ultrapassar as barreiras da compartimentalização dos saberes e abrir possibilidades para a construção de um modelo de educacional dialógico, flexível e aos contextos de sua época.

Mas o que é transdisciplinaridade? Segundo Nicolescu (1996), “transdisciplinaridade diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas”, ou seja, é preciso pensar numa maneira ampla de se educar o ser humano, de forma que reconheçamos a sua complexidade.

⁸ Apesar de alguns teóricos tratarem como sinônimo as palavras transversalidade e transdisciplinaridade, por uma questão de sentido/sentido (GOMES,2004), utilizaremos o conceito de transdisciplinaridade de Nicolescu como sinônimo de um saber que, para além de irromper, reverberar ou transversalizar, transcende as disciplinas, a escola e os espaços/tempos específicos.

Afinal, ele é dotado de razão, mas também de emoções, intuição e tudo precisa dialogar entre si; enfim, é preciso pensar no ser humano em sua integralidade.

Nesse prisma, compreendemos a resiliência como aprendizagem transdisciplinar para além de espaços-tempos predeterminados. Se a escola trabalha com conteúdos curriculares formais em horários pré-estabelecidos, não se pode afirmar que fora do ambiente escolar também não existe ensino e aprendizagem. Por essa via, Paiva expressa, parafraseando Pinel, que a educação (para além do ambiente escolar) está a serviço da vida. “A pessoa começa a escutar a vida perguntando-lhe pelo sentido” (PAIVA, 2006, p. 58). Derivado disto, outros significados emergem sobre o ensino e aprendizagem. Todo sujeito é portador e produtor de conhecimentos em suas diferentes formas. Pessoas carregam consigo por onde vão: sentimentos, ensinamentos, aprendizagens.

As vítimas das cheias do Rio Benevente da cidade de Alfredo Chaves são pessoas de diferentes classes sociais, escolaridade, religião, mas com vivências em comum. Perderam bens materiais e entes queridos, carregando consigo dores refletidas nas expressões faciais e olhares. Apesar das roupas encobertas pela lama, mantiveram gestos de humanidade, estendendo a mão aos mais atingidos, numa atitude redentora para diminuir o martírio vivido por si e seus semelhantes, ensinando empatia, solidariedade e enfrentamento.

É preciso, por vezes, excluir as fronteiras entre disciplinas e a hierarquização de saberes para a compreensão do conjunto das coisas que essas disciplinas não abarcam, estabelecendo outras pontes de aprendizagem. É preciso ensinar e apreender resiliência. Para que isso seja possível, antes de tudo é necessário compreendê-la.

A seguir vamos imergir no campo da resiliência, na origem deste termo e seus respectivos conceitos. O termo “resiliência” é advindo da Física e da Engenharia. O britânico Thomas Young foi o responsável pela criação do conceito em 1807. A familiaridade desse termo nas referidas áreas define “resiliência” como a que capacidade de alguns corpos e/ ou objetos possuem de retornarem à sua forma original após sofrerem uma forte pressão ou impacto. No que diz respeito às Ciências Humanas, o termo em questão foi transposto pelo psiquiatra Frederic Flach (1991)

como sinônimo de uma capacidade biológica, individual ou coletiva, na qual o homem pode enfrentar as adversidades, como também sair fortalecido dessas situações de estresse.

Yunes (2006) ratifica o conceito apresentado por Flach (1991) ao afirmar que a resiliência é esse fenômeno humano, o qual envolve a superação de situações de crise e adversidades. Dessa forma, há um ponto em comum nos conceitos apresentados que é justamente essa capacidade, seja ela individual, seja coletiva, de superar as adversidades. Isso não significa que, nesse processo de construção de “ser resiliente”, não haja dor, não haja medo e angústia, mas, além disso, há forças intrínsecas para se levantar e seguir em frente. É justamente sobre essa capacidade de sobreviver ao caos e continuar seguindo adiante que trata este estudo.

A versão atualizada do dicionário Houaiss expõe outra definição: “[...] a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1651). Mediante essa definição, o termo “resiliência” parece tornar-se mais familiar, como indica a sua incorporação ao dicionário. Por outro lado, a concepção (sem imergir em seus aspectos intrínsecos) parece simplificar um termo tão complexo e dinâmico da resiliência humana, ignorando seu processo de construção. Afinal, quando nos referimos ao sujeito, fenômeno de nosso estudo, pensamos em aspectos subjetivos, ou seja, algo muito mais complexo do que puramente objetivo. Barlach (2005, p. 100) também define a resiliência:

A reconfiguração interna do sujeito, de sua própria percepção e de sua atitude diante da vivência da condição da adversidade ou trauma, constituindo esta, a partir de então, fator de crescimento ou desenvolvimento pessoal. A resiliência é uma condição interna (não observável, a não ser em seus efeitos), constatada numa demanda de adaptação do indivíduo frente a uma situação excepcionalmente adversa, ou mesmo traumática, caracterizada por alto potencial destrutivo ou desintegrador das estruturas, o crescimento pessoal, a confirmação de sua identidade, o desenvolvimento de novos recursos pessoais, constituindo-se numa reação que transcende os limites de um mero processo de adaptação.

Dentro do humanismo existencial, Frankl (1991) afirma que há algo que possibilita o ser humano a conservar a sua dignidade mesmo diante do insuportável: a liberdade interior. Essa liberdade faz com que o ser humano possa obter realizações pessoais, mesmo que o ambiente externo não esteja favorável a isso. Outro teórico dessa linha, Carl Rogers (1976) evidencia uma tendência natural e orgânica para a atualização,

que “[...] visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e limites do meio” (ROGERS; KINGET, 1979, p. 41).

Apresentando sua derivação e influência nos processos de resiliência psicológica, Gomes (2004) afirma que a Tendência Atualizante a que se refere Rogers é a qualidade natural que proporciona a assimilação e reestabelecimento diante as experiências adversas, portanto, os comportamentos resilientes.

Nos últimos anos, a literatura produzida permite-nos visualizar um crescente interesse de estudiosos pelos processos de superação das adversidades com que as pessoas enfrentam em suas vidas. Dessa forma, compreendemos que, além da habilidade de lidar com as situações adversas, os estudos apresentam resiliência como capacidade de transformação e fortificação mediante situações traumáticas (GROTBERG, 2005).

Em célebre aforismo, presente em seu livro *Ecce homo*, o filósofo existencialista Friedrich Nietzsche compreende a resiliência como um processo fortificador do indivíduo:

Para alguém que é tipicamente saudável uma doença pode, ao contrário, até ser uma estimulação enérgica a vida, a viver mais[...] pois é preciso que se dê atenção a isto: os anos em que minha vitalidade foi mais débil foram os anos que deixei de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento⁹ me proibiu de uma filosofia da miséria e do desânimo... E é nisso que se reconhece, no fundo, a vida-que-deu-certo!(NIETZSCHE, 2011, p. 25-26).

Referindo ao indivíduo que hoje compreendemos como indivíduo resiliente, completa: “Ele adivinha meios curativos contra lesões, ele aproveita acasos desagradáveis em seu próprio favor; o que não acaba com ele, fortalece-o” (NIETZSCHE, 2011, p. 26).

Para além dos conceitos e em proximidade do que se apresenta na cultura popular atualmente, é comum encontrar o termo resiliência, por exemplo, na mídia televisiva, que se limita a defini-la como capacidade de superar situações adversas, carecendo de aprofundamento teórico. Outro exemplo comum é a utilização desse termo em

⁹ A palavra auto-restabelecimento, de acordo com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, não possui mais o hífen (autorrestabelecimento), porém, sua grafia será mantida, pois trata-se de citação realizada antes da reforma ortográfica vigente.

discursos informais, nos quais classificam-se indivíduos como “resilientes” ou “não resilientes” numa “coisificação” ou “objetificação” do conceito.

No entanto, dentro de uma abordagem de Ciências Humanas, diversos fatores precisam ser considerados, pois o processo se constitui alimentado por questões subjetivas. Partindo desse pressuposto, não podemos considerar o conceito de resiliência como desvinculado de uma discussão dos aspectos intra- e interpessoais e seu papel no processo de interiorização, enfrentamento e ressignificação do adverso. Nesse sentido, é necessário conhecer o que é denominado como fatores de risco e fatores de proteção.

A palavra “proteção” apresenta alguns sinônimos, entre os quais amparo, abrigo, cuidados, enfim, remete-nos às condições favoráveis para que o indivíduo possa crescer e se desenvolver de forma saudável. Ao relacionarmos os fatores de proteção ao processo de formação da resiliência, buscamos enfatizar os elementos positivos que estimulam os indivíduos a superar as adversidades, ou seja, os fatores de proteção internos e externos ao sujeito e possibilitam a compreensão do conceito de resiliência, pois, por meio dos obstáculos encontrados em seu caminho, o sujeito passa a desenvolver competências que permitem ou possibilitam a obtenção do sucesso (RUTTER, 1987; ASSIS, 1999).

A partir do momento que buscamos realizar algum desejo, enfim, concretizar algum objetivo, nos colocamos numa posição de risco constante, pois, para toda decisão que tomamos, haverá uma consequência dela decorrente, positiva ou não. Estamos sujeitos a perdas e ganhos. Justamente os fatores de risco determinam essa condição de possibilidade de perdas ou efeitos negativos a que estamos sujeitos e que podem prejudicar a nossa saúde, nosso desempenho social, ou seja, nosso bem-estar.

4.2 OS ESTUDOS SOBRE RESILIÊNCIA NO BRASIL DA BIBLIOTECA BRASILEIRA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES

Com o intuito de apresentar o panorama de pesquisas sobre a temática da resiliência, acessamos a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) no contexto

das pesquisas de mestrado e doutorado realizadas no Brasil entre os anos de 2005¹⁰ e 2020. Nesse sentido, realizamos duas consultas, a primeira delas a partir dos descritores “resiliência e fenomenologia”, com o intuito de evidenciar as dissertações e teses que abordaram a resiliência a partir do método fenomenológico e uma segunda utilizando “resiliência, educação e inclusão”. É importante salientar que o descritor “inclusão” está voltado para a linha de pesquisa em estudo: Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão.

4.2.1 Resiliência e fenomenologia

Quadro 1 – Dissertações e teses da BDTD (2005-2020)

Título e autoria	Área	Instituição	Ano
Dissertações			
Câncer infantil e resiliência: investigação fenomenológica dos mecanismos de proteção na díade mãe-criança". Shirley Santos Teles	Psicologia	Universidade de São Paulo	2006
Corpo e significado: percepções de portadores de diabetes mellitus tipo 2. Wilma Dantas Pereira	Saúde	Universidade Federal de Minas Gerais	2006
A resiliência nos empreendedores egressos do Banco do Brasil: um estudo fenomenológico. Ewerton Taveira Cangussu	Administração	Universidade Estadual de Londrina	2008
Sobreviver ao câncer de mama: vivências de mulheres fora de tratamento e o fenômeno da resiliência. Mariana Forgerini	Psicologia	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	2010
Enfrentamento religioso em situações de sofrimento. Marília Parreiras Maia Siqueira	Psicologia	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2012
Perspectivas de mulheres que vivenciaram o abortamento. Maria Madalena de Souza Matos Torres.	Saúde	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	2013
Resiliência em docentes: sentido e significado na prática profissional no contexto da educação básica. Rosana Salles Raymundo	Educação (social e humana)	Universidade de Taubaté	2014
Avaliação da resiliência e fatores de vulnerabilidade em mães de crianças surdas. Bruna Januário Setin	Psicologia	Universidade Metodista de São Paulo	2017

¹⁰ Estudo mais antigo inserido na BDTD.

O medo e suas origens: um estudo fenomenológico com jovens executivos. João Tadeu Abreu Da Silva	Administração (Gestão de Pessoas e relação de trabalho)	Fundação Getúlio Vargas. Escola Brasileira de Administração Pública de Empresa	2018
Quando a vida ensina a ser resiliente: um estudo sobre mulheres vítimas de violência no município de João Pessoa- PB. Andressa Raquel de Oliveira Souza	Educação	Universidade Federal da Paraíba	2018
Título e autoria	Área	Instituição	Ano
Teses			
Do limiar da casa ao olho da rua: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura - das práticas singulares à pluralidade do olhar da ciência da informação. Edna Gomes Pinheiro	Ciência da informação	Universidade Federal de Minas Gerais	2013
Resiliência integral: um caminho de possibilidades para formação humana de futuros docentes. Aurino Ferreira Lima	Educação	Universidade Federal de Pernambuco	2019

Nota: Dissertações e teses encontradas a partir dos descritores “fenomenologia” e “resiliência”, bem como de suas descrições/compreensões subjetivas acerca da temática da resiliência.
Fonte: Elaboração da autora (2020).

O Quadro 1 mostra que a lista de estudos que relacionam fenomenologia e psicologia são majoritariamente na área de psicologia e educação (4 cada), sendo acompanhado pela área da saúde e administração (2 cada) e com menor ocorrência da ciência da informação.

A dissertação de mestrado de Teles (2006) apontou que, diante de um mecanismo de risco como a doença, mães e crianças utilizavam a proteção encontrada na fé e no brincar, além de recursos externos significativos como uma rede social de apoio para superar as adversidades decorrentes do momento delicado que estavam vivenciando. Pereira (2006) identificou a resiliência no comportamento dos portadores de diabetes *mellitus* tipo 2, que evidenciavam ter consciência da gravidade da doença, mas concomitantemente, vontade de viver; justamente essa vontade de se manter vivo que servia como um mecanismo de enfrentamento e superação.

Cangussu (2008) constatou que os egressos do Banco do Brasil revelaram indícios de comportamentos resilientes, pois possuíam autoconfiança e estavam abertos à mudança, ou seja, reconheciam suas potencialidades. Forgerini (2010) compreendeu

que tanto as mulheres curadas do câncer de mama quanto as que estavam em tratamento apresentaram indicadores de resiliência por meio de suportes como fé, família e amigos. Com Siqueira (2012), constatou-se que um paciente oncológico, quando reconhece a gravidade da doença, mas ao mesmo tempo busca por meio da fé a aceitação de sua ocorrência, ele consegue estabelecer forças internas para superar e enfrentar o problema e, ao mesmo tempo, contribuir para o processo de desenvolvimento de mecanismos voltados para resiliência psicológica.

Torres (2013) compreendeu que mulheres vítimas de abortamento, independentemente de suas causas, carregavam consigo um misto de emoções, entre as quais angústia, medo, vazio e culpa, mas, ao mesmo tempo, por meio do desejo intrínseco de gerar a vida e perpetuar a família, encontravam forças para continuar vivendo. Raymundo (2014) constatou que a resiliência na área educacional é importante para potencializar a qualidade de vida e o bem-estar profissional. Educadores que possuíam laços afetivos dentro e fora do ambiente de trabalho enfrentavam de forma positiva as adversidades.

Setin (2017) verificou que mães que possuíam capacidade de resiliência enfrentavam as adversidades oriundas da maternidade de forma mais leve (psicologicamente) e positiva¹¹. Massavi (2017) analisou o comportamento de um morador de rua e buscou compreender os mecanismos que favoreciam a existência de comportamentos resilientes, mesmo em meio à invisibilidade provocada pela situação de rua do indivíduo. Constatou, por meio dos relatos do respectivo morador de rua, apesar da vida difícil marcada por violências, episódios tristes, que suas narrativas retratavam um homem com espírito de solidariedade e que se escondia por trás dessa invisibilidade social, para se manter vivo no campo de concentração que as ruas têm se tornado.

Silva (2018) apresenta seu estudo como contribuição da relação do auto trato das emoções no ambiente de trabalho como favorecedora do desenvolvimento de comportamentos resilientes. Nesse sentido, constatou que, a partir do momento em que se descobre a origem do medo, a reflexão sobre esse sentimento passa a ser mentalmente de forma mais organizada e até mesmo racionalizada, contribuindo

¹¹ Esse trabalho, que também consta no Quadro 2, será descrito exclusivamente aqui para evitarmos redundância.

assim para amenizar os efeitos indesejados e melhorar o dia a dia de trabalho. Souza (2018) compreendeu que mulheres, vítimas de violência doméstica, que receberam apoio especializado no Centro de Referência da Mulher, desenvolveram uma capacidade resiliente diante do problema vivenciado. Nesse sentido, assumiram empoderamento em relação à própria história e conseqüentemente obtiveram uma melhoria significativa na sua qualidade de vida.

Na tese *Do limiar da casa ao olho da rua: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura: das práticas singulares à pluralidade do olhar da ciência da informação*¹², cujo fenômeno de estudo são as experiências e as histórias de leitura de crianças e adolescentes em situação de risco, a autora denota tal prática como favorecedora do conhecimento, construção de ideias e ações para auto reconstrução diante das adversidades (PINHEIRO, 2013). Em *Resiliência integral: um caminho de possibilidades para formação humana de futuros docentes*, o autor indica, em proposta formativa, as imbricações entre reconhecimento e resiliência na potencialização da formação integral de futuros docentes (LIMA, 2019).

A partir do quadro, observamos que os estudos da área de Psicologia evidenciam a resiliência como traço de personalidade. Já os trabalhos com a perspectiva da Educação priorizam a compreensão dos aspectos afetivos e/ou existenciais. As dissertações da área de Administração compreendem a resiliência como instrumento para melhoria do desempenho profissional. Os estudos da área de Saúde relacionam comportamento enfrentativos e sua relação com a/o doença/trauma. Finalmente, a tese de Ciência da Informação correlaciona fatores externos (como a leitura) como favorecedora da resiliência.

4.2.2 Resiliência, educação e inclusão

Numa segunda pesquisa, em conformidade com o aspecto educacional transdisciplinar desta dissertação, inserimos os descritores “resiliência, educação e inclusão”, cujo resultado será apresentado no Quadro 2 sucedido de suas descrições.

¹² Essa dissertação, que também consta no Quadro 3, será descrita exclusivamente aqui, para evitarmos redundância.

Por uma questão didática, dividimos as dissertações e teses em dois quadros distintos.

É importante salientar que o descritor “inclusão” foi utilizado com o intuito de fazer referência à linha de pesquisa na qual estamos inseridos, bem como apresentar ao leitor e/ou futuro pesquisador o estado do conhecimento sobre essa temática dentro do espaço-tempo determinado nos quadros.

Quadro 2 – Dissertações (resiliência, educação e inclusão)

Título e autoria	Instituição	Ano
Dissertações		
Adolescentes com deficiência: um desafio pastoral. Lucília Alves Cunha	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	2005
Avaliação da capacitação dos multiplicadores do projeto “nossas crianças: janelas de oportunidades” a partir da percepção dos sujeitos participantes do processo. Katia Maria de Almeida Correia	Universidade de São Paulo	2007
Um estudo sobre os cuidadores das instituições de abrigo e o papel de proteção. Rosinha Mattos Marzol.	Universidade Federal do Rio Grande	2009
Concepções de adolescentes sobre a escola: do risco à proteção. Luciene dos Santos Camargo	Universidade Estadual Paulista	2009
Produções identitárias das pessoas com deficiência visual no Orkut. Felipe Leão Mianes	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2010
Gênero e deficiência: uma história feminina de ruptura e superação de vulnerabilidade. Windyz Brazão Ferreira	Universidade Federal da Paraíba	2011
O discurso e a prática do gerenciamento de resíduos sólidos urbanos (RCU). Jaqueline Renata Schlindwein.	Universidade de Brasília	2013
Bem-estar de pessoas transexuais: a contribuição da psicologia positiva. Gustavo Tassis Baptista	Universidade Federal do Espírito Santo	2017
Processos de resiliência em universitários com deficiência. Isabela Samogim Santos	Universidade do Oeste Paulista	2018
Trajetórias de inclusão no Ensino Superior: uma análise na perspectiva de um grupo de jovens universitários com deficiência. Louani Queiros Alves Ferreira	Universidade Federal de Viçosa	2018

Experiências da escola: além dos limites da cegueira. Emmanuel Dário Gurgel da Cruz	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2018
---	---	------

Fonte: Elaboração da autora (2020).

É necessário delinear que a maioria das dissertações são da área de Educação, com exceção das dissertações *Bem-estar de pessoas transexuais: a contribuição da psicologia positiva*, de: Gustavo Tassis Baptista e *Trajetórias de inclusão no ensino superior: uma análise na perspectiva de um grupo de jovens universitários com deficiência*, de Louani Queirós Alves Ferreira, respectivamente de Psicologia e Economia.

Cunha (2005) realizou uma pesquisa voltada para a inclusão de jovens que apresentavam algum tipo de deficiência, com o objetivo de estabelecer sua inclusão, partindo do princípio de aceitação. Apresentou a fé e a religiosidade como instrumentos de proteção e enfrentamento de desafios, estigmas e preconceitos.

Correia (2007) constatou, em sua pesquisa voltada para a avaliação do processo de capacitação dos profissionais da área da saúde — médicos, enfermeiras e técnica em enfermagem que atuaram no projeto Nossas Crianças: janelas de oportunidades —, o quanto esses profissionais aprenderam na prática, por meio da atuação junto as equipes do Programa Saúde da Família (PSF) e às gestantes e crianças na faixa etária de 0 a 6 anos, tal como, por meio da teoria estudada durante esse processo de capacitação. Cuidados, resiliência, competências familiares, rede social e família foram aspectos positivamente observados nas falas e na prática desses profissionais.

A pesquisa desenvolvida por Marzol (2009) investigou os processos relacionais que se estabelecem entre crianças e adolescentes de duas instituições não governamentais do Rio Grande do Sul e seus respectivos cuidadores. Constatou-se que a tríade acolhimento, afetividade e aprendizagem recíproca estavam presentes nas falas dos entrevistados, ou seja, embora as crianças e adolescentes cheguem aos abrigos, na maioria das vezes, com comprometimentos físicos, psicológicos, cognitivos e sociais, as suas dificuldades podem ser minimizadas a partir do momento que suas potencialidades, assim como a resiliência, são estimuladas e trabalhadas,

Camargo (2009) desenvolveu um estudo acerca de adolescentes/estudantes de escolas públicas de Presidente Prudente/SP, os quais possuíam processos escolares

e/ou viviam expostos a situações adversas. Percebe-se que a escola, como instituição, é espaço propício para o desenvolvimento de processos de resiliências nesses indivíduos.

Mianes (2010) investigou o processo de criação de identidade das pessoas com baixa visão e cegueira em sites de relacionamentos como o *Orkut*. Concluiu que os meios eletrônicos funcionam como ferramentas facilitadoras de encontros, diálogos e amizades, mas também estimuladoras no que diz respeito ao processo de criação de identidade, abrindo caminhos para novas perspectivas. Constatou que as pessoas com deficiência visual, que apresentavam ideias de superação, possuíam maior facilidade de interação e buscavam romper as adversidades oriundas de quem possui baixa visão ou cegueira.

Ferreira (2011) entrelaçou a questão da mulher com deficiência e sua capacidade de superar as adversidades. Para tanto, analisou o comportamento de mulheres com deficiências de diversos segmentos sociais. Constatou que, em meio às situações negativas, possuíam capacidade de enfrentamento e, ao mesmo tempo, aprendizagem e crescimento mútuo.

Schlindwein (2013) analisou o discurso e a prática do gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos na área de Caxias do Sul/RS, devido ao fato de ser uma problemática ambiental de grande relevância, tendo sido incorporada nos diferentes discursos governamentais e da sociedade, na busca pelo desenvolvimento sustentável, visto que os ambientes urbanos são considerados as transformações mais agressivas ao ecossistema natural, alterando todas as suas estruturas e as relações com o próprio meio. Essas agressões ao planeta têm dificultado as possibilidades de sua resiliência.

Baptista (2017) estudou, por meio da psicologia positiva, pessoas com identidades transgêneras. Analisou a relação desses sujeitos com o processo de resiliência. Concluiu que fatores como apoio social, otimismo e acesso à educação contribuíam para a promoção da inclusão e a afirmação das diferenças. Santos (2018) analisou os processos de resiliência em estudantes com deficiência de universidades públicas e privadas. Nos resultados da pesquisa, inferiu que a universidade pode promover processos de resiliência ou fortalecer processos de exclusão.

Ferreira (2018) analisou alunos com deficiência, tanto seus entraves quanto a inclusão escolar. Considerou que barreiras atitudinais, arquitetônicas, urbanísticas e tecnológicas são fatores adversos para realização de tal processo. Concomitantemente delineou que os jovens, fenômenos de seu estudo, possuíam capacidade de superação das adversidades e empatia.

Cruz (2018) investigou as adversidades vivenciadas por estudantes com deficiência visual numa escola de ensino fundamental e médio, como também os processos de enfrentamento por eles vivenciados. Constatou que os estudantes em questão privilegiavam cinco estratégias que contribuíam no processo de enfrentamento: o diálogo, a persistência; o afastamento para o fortalecimento; a identificação de tutores de resiliência e a formação de grupos com pessoas por afinidade. Os resultados permitiram salientar a importância do processo de escuta desses estudantes, a valorização de suas experiências e o aprofundamento de estudos e reflexões sobre os direitos da pessoa com deficiência visual.

Quadro 3 – Teses (resiliência, educação e inclusão)

Título e autoria	Instituição	Ano
Teses		
Tornar-se aluno: identidade e pertencimento um estudo etnográfico. Carmen Lucia Guimarães de Mattos	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2011
Rede família: uma tecnologia social e seu diálogo com a promoção de resiliência comunitária e a educação ambiental. Maria Cristina Carvalho Juliano	Universidade Federal de Rio Grande do Sul	2013
Construção de uma arquitetura pedagógica para cyberseniors: desvelando o potencial inclusivo da educação a distância. Letícia Rocha Machado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2013
Vulnerabilidade e resiliência: fatores de risco e proteção em escolares com necessidades educativas especiais. Marília Pinto Ferreira Murata	Universidade Federal de São Carlos	2013
Do limiar da casa ao olho da rua: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura - das práticas singulares à pluralidade do olhar da ciência da informação. Edna Gomes Pinheiro	Universidade Federal de Minas Gerais	2013

Trajetórias negligenciadas: processos de resiliência em adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas. Alex Sandro Gomes Pessoa	Universidade Estadual Paulista	2015
---	--------------------------------	------

Título e autoria	Instituição	Ano
Teses		
A aprendizagem docente e a inclusão de cotistas B em novos contextos na universidade. Karina Silva Molon De Souza	Universidade Federal de Santa Maria	2016
Inclusão escolar e processos de resiliência em adolescentes e jovens da Educação Especial. Thais Watakabe Yanaga	Universidade Estadual Paulista	2017
Ser profissional de saúde com deficiência no ambiente hospitalar. Joyce Maria Gabriel Duarte	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	2018
A água e a cartografia do imaginário nos climas de três territórios geográficos. Giseli Dalla Nora	Universidade Federal de Mato Grosso	2018
Ciência semicolonial: uma análise da cientificidade do conflito gerado pelo crime semicolonial Samarco/Vale/BH. Marcos Moraes Calazans	Universidade Federal de Minas Gerais.	2019
Envelhecimento ativo entre idosos residentes na Microrregião de Saúde de Uberaba, Minas Gerais. Nayara Gomes Nunes de Oliveira.	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	2020

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Informamos que, excetuando as teses *Construção de uma arquitetura pedagógica para cyberseniors: desvelando o potencial inclusivo da educação a distância* (da área de Tecnologia da informação) e *Ser profissional de saúde com deficiência no ambiente hospitalar* (da área da Saúde), os estudos são em sua totalidade da área de Educação.

Mattos (2011) verificou que alunos em diferentes etapas de escolarização aprendem a reconhecer-se como discentes com obrigações e/ou limitações a partir da vivência das práticas educacionais, da troca de conhecimentos, da construção individual e coletiva de conceitos, contribuindo assim para o desenvolvimento acadêmico e profissional.

Dessa forma, conceitos como resiliência, pertencimento, saber, identidade, são de grande relevância, tanto para a formação docente, quanto para o educando se reconhecer como aluno, pois a escola que visa às práticas inclusivas, que escuta e dá visibilidade ao educando buscará sempre alternativas para remodelar essas práticas se necessário por ser espaço de partilha e aprendizagem.

Juliano (2013) investigou a eficácia do uso da metodologia de cooperação Rede Família (rede de apoio), a qual objetiva acolher e reintegrar crianças e jovens às suas respectivas famílias e à comunidade. Entre suas considerações, apontou a eficácia da metodologia desenvolvida (pela rede) e seu papel fundamental para integração desses indivíduos à sociedade. A proposta da Rede Família é dar visibilidade a uma parcela da população excluída socialmente e, ao mesmo tempo, contribuir para a promoção da resiliência comunitária. Machado (2013) pesquisou sobre a importância do uso da tecnologia para inclusão dos idosos no espaço educacional em termos biopsicossociais. Concluiu que muitos deles sentiam-se motivados a retomar e/ou iniciar os estudos na modalidade educação a distância.

Murata (2013) identificou a relação existente entre os fatores de risco, proteção e resiliência de crianças de 6 a 14 anos com necessidades especiais, matriculadas do 1º ao 5º ano de uma escola pública municipal de Pontal do Paraná/PR, que frequentavam as salas de recursos ou classes especiais. Também participaram do estudo pais e professores desses estudantes. Os resultados indicaram alto índice de crianças em situação de risco em diversas áreas estudadas e, ao mesmo tempo, possibilidades de fatores de proteção relacionados à resiliência. Dentro desse prisma, constatou a importância de ações educativas voltadas principalmente para alunos e adolescentes em questão, objetivando minimizar os efeitos negativos e maximizar os aspectos positivos.

Pessoa (2015) analisou a trajetória de vida de adolescentes envolvidos com o tráfico drogas. Neste sentido, constatou que adolescentes com atendimentos especializados possuíam indicadores positivos de resiliência. Souza (2016) investigou como os docentes da Universidade Federal de Santa Maria/RS desenvolveram atitudes resilientes por meio do convívio com alunos cotistas B da referida universidade. Esses alunos com deficiência suscitaram nesses profissionais, em suas práticas pedagógicas, um olhar que rompesse os preconceitos.

Yanaga (2017) analisou as práticas pedagógicas de docentes de diferentes formações voltadas para a inclusão escolar de alunos com distintas necessidades especiais. Constatou que tanto os alunos quanto os educadores em estudo apresentavam processos de resiliência a partir do aprendizado mútuo. Duarte (2018) compreendeu que profissionais da área da saúde (com deficiência), depois de aposentados, permaneciam em seus postos de trabalho. Evidenciou, por meio de sua pesquisa, o autorreconhecimento de suas limitações, concomitantemente com o seu lidar com suas adversidades e restrições.

Nora (2018) desenvolveu uma pesquisa voltada para a análise climática de três territórios geográficos localizados no Pantanal Mato-grossense, no cerrado do Centro-oeste brasileiro e na porção norte e marítima da Espanha, que, por sua vez, possuem características de água doce, salgada e escassez de água. Relatou que o aumento da temperatura e a escassez de água vêm modificando o cenário natural e prejudicando a vida dos moradores locais. Essas alterações interferem na qualidade de vida dos moradores. Poços artesianos foram criados para que pudessem ter acesso à água potável, ou seja, a relação entre educação ambiental e a justiça climática permeiam a pesquisa. Nora (2018) sustenta que, muito além da proposta de adaptação e resiliência, é urgente compreendermos o desenvolvimento desigual gerado pelo consumismo.

Os estudos de Calazans (2019) dialogam com Nora (2018), pois estão voltados para os impactos ambientais causados pela interferência humana. Calazans pesquisou as consequências causadas pelo rompimento da barragem de Fundão, Mariana/MG. Constatou que os impactos causados foram de grande proporção, um verdadeiro crime ambiental que vitimou dezenas de famílias e desabrigou centenas de pessoas. A partir do ocorrido, inúmeras discussões aconteceram, tanto no meio acadêmico quanto na mídia televisiva, mas pouco foi feito pelos moradores, vítimas dessa tragédia. Identificou, entre os moradores locais, aspectos resilientes, oriundos de uma força intrínseca para se manter vivo.

O estudo de Oliveira (2020) voltou-se para a importância da promoção da qualidade de vida e do envelhecimento ativo de homens e mulheres de diferentes faixas etárias por meio de atividades adaptadas para atender a todos, pois dessa forma contribui-se para a diminuição da desigualdade de gênero e para a melhor autoavaliação da

qualidade de vida. Entre os idosos participantes da pesquisa, as mulheres apresentaram menores escores de resiliência e maior propensão a sintomas depressivos, além de antecedentes familiares para doenças crônicas. No entanto, no diz respeito aos serviços sociais e de saúde, os idosos de ambos os sexos sentiam-se satisfeitos e avaliaram de forma positiva a saúde e sua evolução.

A partir dos quadros, observamos que as dissertações (apresentadas no Quadro 2 priorizam as discussões das questões identitárias e de percepção sobre a realidade. Já nas teses, organizadas no Quadro 3, há uma predominância nas discussões acerca da identidade, questões sociais e inclusão em seu aspecto amplo.

Os diversos estudos evidenciam relação entre fatores de risco e proteção no processo de desenvolvimento da resiliência, nos primeiros como os agentes estressores e, nos segundos, como suportes diante da experiência adversa: o apoio familiar, pedagógico e psicológico, bem como a fé, foram mecanismos de proteção frequentemente citados como contribuidores para o processo de resiliência de indivíduos.

5 DUAS HISTÓRIAS E A ENCHENTE DO RIO

Foi um rio que passou em minha vida... e meu coração se deixou levar

Paulinho da Viola

Nesta seção, apresentaremos duas histórias de vida e seus entrelaçamentos com as cheias do rio Benevente ocorridas no ano de 2020. Para sua construção, devemos indicar que cada participante, a partir de uma entrevista com perguntas de caráter não diretivo, relataram suas histórias de vida e experiência pessoal com a tragédia.

Esse tipo de condução é comum nas pesquisas fenomenológicas. Sua intenção é não induzir respostas, mas, pelo contrário, permitir aos participantes a expressão espontânea acerca das experiências vividas, ensejando, dentro de prática descritiva (das entrevistas), realizar a tentativa de uma *époche*, numa apresentação literal “do que” e “como” foi dito.

5.1 ELZA, VIRGÍNIA E A CHEIA DO RIO

No dia 17 de janeiro de 2020, o nível das águas do rio Benevente subiu cerca de seis metros, inundando casas e comércios. As chuvas intensas na região deixaram toda a população apreensiva. Os moradores locais temiam uma nova enchente como a ocorrida em 2012, que também gerou inúmeros transtornos, mas, ao mesmo tempo, acreditavam que aquele cenário desolador não fosse se repetir.

Ao anoitecer, por volta de 20 horas, as ruas de grande parte da cidade já estavam todas alagadas. Com o passar das horas, até as entradas de acesso à cidade pela BR101 foram interditadas, devido ao grande acúmulo de água na rodovia. Os estragos ocorridos na sede municipal e nas comunidades rurais foram de grande proporção. Pontes foram arrancadas, estradas completamente destruídas, lavouras praticamente perdidas.

A madrugada, para grande parte da população, foi de intenso trabalho e preocupação, pois o nível das águas demorou a baixar e, devido à falta de energia elétrica que acometia grande parte da cidade e dos distritos, muitos ficaram sem notícias dos

familiares e amigos. Apenas no dia seguinte, a população pode contabilizar os prejuízos.

Ao amanhecer, a população buscou mobilizar-se e ajudar os mais atingidos, por meio de doações de alimentos, roupas, produtos de limpeza, apoio psicológico, enfim, era hora de retirar grande parte da lama que encobria as ruas da cidade, os comércios, as residências, para assim ter um local para descansar e criar forças para renovar as esperanças e recomeçar. Uma das pessoas que foram atingidas foi *Elza*...

Elza é uma professora nascida em Alfredo Chaves/ES que experienciou momentos trágicos e reviravoltas memoráveis em sua vida. Nesse sentido, seu nome simbólico escolhido¹³ faz referência a uma das maiores artistas da Música Popular Brasileira: Elza Soares. A cor da pele e a relação com o alcoolismo, presentes em ambas as histórias de vida e a história de luta pela sobrevivência num país de desigualdade social, apresentam entrelaçamentos comuns entre a artista e a professora. Em autodescrição, afirma:

Eu gosto em mim o que eu sou, sou muitas coisas. Observo que hoje o ter é muito importante para muitas pessoas e eu gosto muito de ser. O que eu vejo de muito legal em mim é um senso de justiça. Procuro ser muito justa em todas as situações da vida, ser humana. Aprendi ultimamente a amar e estou achando o maior barato. A gente acha que a gente sabe amar, mas primeiro eu aprendi que a gente tem que se amar, igual Jesus Cristo pediu, e sempre ouvi isso na igreja, mas agora, com a idade que tenho, eu aprendi o que é me amar (ELZA).

Mulher/professora/mãe, *Elza* veio ao mundo com o auxílio de parteiras na mesma casa onde reside até os dias atuais, em um bairro próximo ao centro da cidade, que cresceu ao lado de seus irmãos. Filha mais nova de uma família composta por três mulheres, sua convivência com os irmãos é relatada como pacífica e agradável. No entanto, declarou que, por ser a filha mais nova, possuía poucas lembranças da relação com os irmãos, pois logo eles se casaram e saíram para morar e trabalhar em outro município. Assim, ela ficou morando com a sua mãe.

Por eu ser caçula, eu fiquei mais em casa com mamãe. Quando fiquei na idade de mocinha, eu ia na rua com mamãe. Claro que depois de uma idade eu já ia sozinha. Com nove, dez, onze anos, os meus irmãos não me levavam. Eu não tive isso de sair com irmãos. Por eles serem mais velhos,

¹³ Por ela mesma.

eu tinha que ir com mamãe, depois voltava com amigos ou pessoal da igreja (ELZA).

Quanto ao seu pai, manteve pouco contato, uma vez que, sendo pedreiro e agricultor, permanecia durante a semana fora de casa. Dessa forma, ela só o via apenas nos finais de semana. As lembranças que possui em relação a ele não são positivas. Estão relacionadas ao alcoolismo.

Ele, eu só via no final de semana e bêbado [...] Lembro de uma vez que eu joguei um resto de dose de cachaça dele fora. Foi a primeira vez que ele se alterou. Ele nunca me bateu, mas, naquele dia, se deixasse bater ele batia. Então, quer dizer, foi uma relação assim com um alcoólatra que ficava em casa aos finais de semana. O arrimo mesmo da família era mamãe, porque, se eu precisasse de dinheiro, alguma coisa de escola, era a ela que eu pedia. Eu sei que ele trazia alguma coisa, mas mamãe era quem tinha que administrar aquele valor que ela recebia dele. Ela foi mãe e pai (ELZA).

Seu pai veio a falecer quando tinha quatorze anos de idade. Ela relata que, na época, chegou a chorar, mas não entendia ao certo o que estava acontecendo. Em suas palavras: “ Eu não entendia muita coisa, ainda mais morando na roça”.

A menina foi educada com base nos preceitos católicos. Foi catequista aos quatorze anos e, nessa época, já compreendia sua inclinação para a docência. A sua infância foi vivida nesse lugar “simples” e tranquilo. Brincava na rua com amigos e vizinhos, mas sabia de suas responsabilidades. Já trabalhou em salão de beleza e em residência como babá.

No entanto, os estudos sempre foram prioridade, pois sua mãe a educou dessa forma. Assim que se formou no curso de magistério (aos 17 anos), iniciou a lecionar numa escola pública na região. Ministrou aulas de Língua Portuguesa, Geografia, Ciências e Matemática (como professora particular). Realizou um ano de curso preparatório para o vestibular e, aos dezenove anos, foi aprovada no curso de História. No último ano de faculdade lecionou História, espaço-tempo em que iniciou sua estabilidade financeira. Em suas palavras: “Depois que comecei a trabalhar na minha área, após formada, começou a sobrar um dinheirinho, pensava em comprar móvel, umas coisas que eu queria”.

Nessa mesma época, conheceu uma pessoa que viria a se tornar seu marido. Isso iniciou numa festa no interior de Alfredo Chaves, mas como ele morava em outro estado, só aparecia na região aos finais de semana. Esse homem, que havia

conhecido numa festa, resolveu tornar-se monge por influência de pessoas da própria família. Andava pelas estradas com cajado nas mãos e a cabeça raspada.

Ao visitar um mosteiro junto aos colegas do magistério, no interior de Alfredo Chaves, logo ao chegar no local, mesmo de longe, olhando apenas por um vidro, pois era um local que podiam ter acesso direto, *Elza* avistou um homem rezando. Mais tarde, ao reencontrá-lo, conversando com ele, foi descobrir que aquele monge se tratava da mesma pessoa que havia conhecido numa festa no interior da cidade. A partir de então, começaram a se conhecer melhor e a ficarem juntos. O namoro durou cerca de dois anos.

O relacionamento de *Elza* chegou ao fim, pois seu namorado resolveu ir para um outro país aperfeiçoar uma língua estrangeira. Lá, ele permaneceu por alguns anos, conheceu outra pessoa e se casou.

Os anos se passaram e ela também se relacionou com outra pessoa, um homem que morava no mesmo bairro que ela, mas nunca chegaram a se casar. Após retornar ao Brasil, seu ex-namorado procurou informações sobre ela. Ao saber da notícia, *Elza* que estava num relacionamento “desgastado”, reatou com o ex-monge.

Casamos na primavera, dia da árvore, dia 20 de setembro, assim muito romântico (risos). Fui morar em outro estado. Morei lá por dois anos e meio. O concurso que fiz, há uns anos, começou a convocar os profissionais, então, precisei retornar para Alfredo Chaves. Ele veio comigo, pois já tínhamos um terreno aqui. Montamos uma casa, tudo certinho e viemos. Sempre fiz tudo certinho, mesmo na miséria. Eu casei, fizemos a nossa casa, depois fiquei grávida. Meu casamento foi bem simples. Chamei meus colegas de escola, professores. Foi simples, mas teve tudo o que todo mundo tem (ELZA).

Seu casamento chegou ao fim por motivos que nem ela consegue entender ao certo, mas infere que possam ter contribuído para tal. O fato de se empoderar, de falar o que pensa, de não aceitar mais tudo que lhe é imposto, de querer estudar, o ciúme talvez, não de outro homem, mas ciúme do conhecimento, da independência do outro, isso por ter sido uns dos motivos para o fim desse relacionamento, afirma *Elza*.

Elza tem uma filha adolescente, resultado dessa primeira união e um menino com menos de cinco anos de idade, filho de um novo relacionamento que possui até os dias atuais. A filha mais velha, no final do ano de 2019, pediu para morar com o pai em outro país para estudar e ficar por lá um tempo.

Quando a minha filha pediu para ir embora morar com o pai na Inglaterra, aí sim eu entendi qual é o sentido do amor. O amor liberta, ele não quer prisão. Eu ter deixado ela ir foi uma experiência (uma loucura). Eu nunca tinha experimentado isso. Primeiro a dor dela não estar comigo, ter ido embora, e depois, entender que isso era amor. Então, a experiência de viver, de se conhecer, de entender a vida, está sendo muito legal (ELZA).

Transpassando sua história pessoal, é momento de descrever a experiência com a enchente do rio. Assim Elza relata sua vivência¹⁴:

“Eu estava em casa quando começou a chover, a encher a rua, é normal, mas não sabíamos o que estava acontecendo na roça. Eu tenho uma irmã mais velha e ela tem grupos de *WhatsApp* e nele participam muitas pessoas do interior da cidade, por isso ela ficou sabendo informações e passou para a gente que, no interior, estava chovendo muito, que o rio estava muito cheio, pois moramos longe do rio. Aqui é várzea, a água que tinha aqui virou a vala, a água vem e volta por ali pela vala.

Não tiramos o carro da garagem, pois encher a rua para a gente já é normal, mas não sabíamos ao certo a proporção que estava lá na roça. Quando começamos a perceber isso, através das redes sociais, já não dava mais tempo de tirar o carro. O meu carro com a água foi quase até o teto. A gente na verdade não quer acreditar que vai encher tudo.

A casa debaixo é da minha mãe, eu moro na casa de cima. Começamos a levar mamãe para minha casa, pois ela é diabética e teve um dos seus pezinhos amputados, então levamos as coisinhas dela, o sofá que era o lugar que ela sempre estava, remédios, enfim, as coisas dela, pois tínhamos que levar o que era dela primeiro, depois levávamos o que dava.

Algumas coisas pela experiência da enchente de 2012 já deixamos em local mais alto. A geladeira colocamos em cima do tanque, pois ele aguenta. As coisas que tem como tombar, cair, levamos tudo lá para casa. Como essa enchente foi praticamente à noite, eu me deitei.

¹⁴ Por se tratar de um texto longo, por uma questão didática e visual apresentaremos sua narrativa como um texto corrido (e não uma citação). Para distingui-lo, serão usadas as aspas.

Até meia noite, eu estava aqui. Lembro que aqui, no quintal, minha irmã fez um canteiro alto, então sumimos nele e ficamos olhando a rua. Eu desci quando a água ainda batia na minha perna, ao perceber que a água já estava subindo, fui embora, não fiquei mais nessa parte debaixo da casa. Cansada, dormi e de manhã cedo queria pensar que foi um pesadelo, mas, ao abrir a janela e ver ainda tanta água parada, como se fosse uma lagoa, vi que não era pesadelo, era realidade.

A água demorou muito para baixar. Quando começava a baixar, tínhamos que começar a lavar, pois senão a lama ficava agarrada e para tirá-la era quase impossível. Os dias que seguiam eram marcados por intenso trabalho de limpeza, pintura da área atingida e organização. Era hora de tentar colocar tudo no lugar novamente.

O que fica é esse sentimento que pode acontecer de novo. Sabemos que não podemos desanimar, bola para frente. Então a gente busca o quê? Nós vamos trabalhar, ajudar o outro; mesmo com a pandemia, continuamos na luta, nas ações sociais para empoderar o outro, para que o outro possa ter conhecimento. Ter e ser para viver melhor. Poderíamos pensar assim: enchente, pandemia, vamos deixar de viver, deixar de fazer, mas não. É vida que segue mesmo, e tem que ser uma vida melhor, não melhor só para mim, mas para minha comunidade também”.

O que ajudou a superar e a ter forças para seguir em frente foi acreditar em Deus, que tem um ser superior que está ajudando a gente, que está ao nosso lado dando apoio e força. Em segundo lugar, foi a minha mãe, pois eu e minha família precisávamos estar bem por ela, para dar a ela o conforto que ela precisava aqui na casa dela (ELZA).

De acordo com o relato de *Elza*, os transtornos decorrentes da enchente foram além de danos materiais. O estado psicológico de todos os familiares estava abalado. A preocupação com a vida da mãe era constante. Em meio a dor e a perda, *Elza* expressa que se apegava no exemplo de mulher que foi a sua mãe, forte, solidária, religiosa, e buscava forças para seguir em frente.

A próxima participante será chamada de Virgínia, nome simbólico escolhido por ela, pois faz referência a Virgínia Gasparini Tamanini, uma escritora capixaba muito atuante na história literária espírito-santense e de grande importância para a vida da participante, pois, segundo ela, há algo em comum entre ambas. São filhas de

descendentes de italianos e dedicaram grande parte dos seus momentos de lazer à leitura.

Poetisa, teatróloga, romancista e artista plástica. Filha de imigrantes italianos, a escritora Virgínia Gasparini Tamanini dedicou-se à vida literária, recebendo inúmeras comendas e medalhas por sua atuação. Escreveu o romance *Karina* (1964), *Estradas do homem* (1977), *Seiva* (1982), *Em pleno século vinte* (1929), *Amor de Mãe*, *Filhos do Brasil*, *O primeiro Amor* e *Onde está Jacinto?* (1930-1931).

Nascida numa comunidade situada no interior de Iconha, *Virgínia*¹⁵ cresceu ao lado de seus doze irmãos, no seio de família numerosa, de condição financeira “humilde”, composta por seis homens e seis mulheres. Todos nasceram com auxílio de parteiras em casa. Segundo ela, sua família sempre teve contato e proximidade afetiva. *Virgínia* relata que, desde cedo, conviveu com tios e primos, possuindo diversas recordações significativas de sua infância. “A família era a melhor coisa da minha vida”, afirmou *Virgínia*.

Filha de professora e pai agricultor, relembra o quanto sua mãe foi uma mulher forte e importante na sua família e na comunidade em que viviam.

Minha mãe alfabetizou muita gente. Não teve uma vida fácil, pois tinha que cuidar dos filhos pequenos, da casa, trabalhar durante à noite ministrando aula; além disso, tinha o meu pai que bebia muito nessa época. Ela conseguiu alfabetizar muitas pessoas, menos o meu pai. Ele tinha vergonha de ser alfabetizado por ela. Ele era conhecido na comunidade como o marido da professora, ele tinha perdido a identidade dele, não o chamavam pelo nome [risos](VIRGÍNIA).

A mãe de *Virgínia*, além de ser professora na comunidade em que viviam, também era catequista e ajudava na organização das celebrações. Era considerada uma pessoa de grande importância e autoridade na comunidade.

Apesar da infância caracterizada com muitas responsabilidades de adulto (como ajudar a cuidar dos irmãos mais novos e dos afazeres domésticos), a entrevistada

¹⁵ Nosso fenômeno da pesquisa.

teve poucos, mas significativos momentos de lazer. As brincadeiras voltavam-se a subir em árvores, esconder-se entre as matas. “A gente era feliz na roça” (VIRGÍNIA).

Ela relata que saiu de sua comunidade para vir morar em Alfredo Chaves quando iniciou o magistério. Antes mesmo de finalizar os estudos, já começou a trabalhar. Iniciou substituindo professoras no interior da cidade de Alfredo Chaves, depois logo prestou concurso público para a rede estadual e foi chamada. Trabalhou durante anos numa escola do município.

Casou-se aos 23 anos de idade e logo vieram os filhos, todas mulheres. Após casar-se, morou numa casa alugada, próxima ao local onde reside atualmente, porém, em pouco tempo, comprou um terreno com o marido, próximo às margens do rio Benevente, e construíram a casa onde reside até os dias atuais. Essa casa possui dois andares e vários cômodos. Na época, a participante relata que não teve muita escolha, era o que encontrou para comprar e o que podia pagar. Construíram a casa e logo se mudaram. O objetivo era sair o quanto antes do aluguel e ter o seu espaço, o seu cantinho para educar os filhos.

Segundo *Virgínia*, constituir uma família era algo que sempre desejou: “Sempre foi um objetivo na minha vida, casar e constituir uma família. Eu também não tive muita sorte em relacionamento”, relata *Virgínia*.

A participante relata que, assim como sua mãe, não teve um relacionamento do jeito que imaginava um dia ter. A palavra falta de sorte, aqui mencionada, faz referência ao pai de *Virgínia*, pois, segundo a participante, seu pai bebia muito e, por isso, percebia o quanto sua mãe arcava com as responsabilidades da casa e da educação dos filhos.

No que diz respeito ao seu marido, *Virgínia* relata que, apesar de possuir algumas qualidades e de viver durante anos em um relacionamento sem brigas ou discussões, o companheiro não aceitava o fato de ela possuir uma condição financeira melhor que a sua e, durante um bom tempo, ser a responsável pelas despesas da casa e da educação das filhas. Esse fato começou a abalar a relação.

Adicionalmente o comportamento do companheiro, o vocabulário empregado nas discussões com as pessoas de sua família (com palavras de baixo calão) foram os elementos que apresentavam o evidente “desgaste” de seu casamento. Com o passar

do tempo, percebeu que essa certa “aspereza” comportamental também se expressava em relação a sua pessoa. Daí surgiu uma desconfiança acerca da fidelidade conjugal de seu parceiro: “Eu já estava desconfiada que ele pudesse ter uma outra pessoa na vida dele, então busquei informações e descobri o adultério. A partir de então, pedi a separação. Confesso que isso me abalou emocionalmente bastante”, relatou *Virgínia*.

A participante expressa que a separação teve um impacto emocional negativo em sua vida e, para tentar amenizar um pouco a dor e a decepção, adotou uma criança cujos pais haviam abandonado. A menina possuía uma irmã gêmea, por sua vez, adotada por uma de suas irmãs. Essas crianças chegaram na vida da participante e de seus familiares como forma de trazer de volta a alegria da família que havia sido apagada. “Quando adotamos uma criança, as pessoas diziam que havíamos feito um bem para ela, mas, na verdade, quem estava fazendo um bem para mim e para minha família era essa criança. Ela trouxe de volta o sorriso que a gente havia perdido” (VIRGÍNIA).

Num salto temporal até o ano de 2020, *Virgínia* relata sua experiência com a enchente¹⁶.

“No dia do ocorrido, devido ao grande volume das águas do rio Benevente, meus vizinhos vieram me avisar para levantar os móveis, pois tudo indicava que a água iria entrar em minha casa, mas confesso que não dei ouvido. Aqui é comum as pessoas se preocuparem toda vez que as nuvens escurecem e a chuva ameaça cair com maior intensidade.

No meu caso, eu esperei mais, não levantei logo os móveis ou subi com as coisas para o segundo andar onde mora uma de minhas filhas. Assim que vi que a água começou a transbordar do rio e alagar as ruas, corri, com auxílio do meu genro, a levantar alguns móveis e subir para a casa dele com algumas coisas (roupas pessoais, colchão, televisão, documentos).

¹⁶ Por questões didáticas e visuais, as falas foram transcritas de forma direta e não como citação. Para distingui-las, serão usadas as aspas.

Em pouco tempo, o nível da água em minha casa tomou todo o espaço, chegou à altura de um metro e setenta. As coisas que conseguimos levantar a uma certa altura de até metro do chão, a força da água conseguiu derrubar e arrastar tudo.

Estantes pesadas, antigas, de madeira maciça foram carregadas pelas águas. A perda material foi grande. Apesar da aparente expressão de força (no momento da tragédia) sabia que a força que externava não condizia com o que sentia internamente. Por fora, uma fortaleza, mas por dentro dilacerada. Eu nunca gostei de chorar perto de minha família.

Você deve se perguntar. Por que essa mulher não sai desse lugar? Eu digo que tenho dificuldade com mudanças. Eu me apego muito às coisas, ao lugar, às pessoas. Eu ainda quero me mudar daqui um dia, mas não sei quando. Aqui os vizinhos são bons, a rua é tranquila, a paisagem é bonita. Sim, tem a questão do rio, morar tão próxima, mas paro e penso que antes eu queria um rio perto de minha casa e ficava feliz com isso. Hoje, esse mesmo rio traz algumas preocupações, mas sei que a culpa não é dele.

Os amigos, familiares e vizinhos foram muito importantes no momento do ocorrido e após a enchente. O apoio a que me refiro, nesse caso, foi moral, pois no que diz respeito aos bens materiais aos poucos vamos recuperando tudo de novo”. E completa...

“Era para eu esperar que um dia uma enchente pudesse acontecer e atingir minha casa. Depois disso tudo, posso dizer que a enchente nos dá uma lição muito grande. Mesmo que você não queira levar em consideração, você é obrigado, porque você é muito pequeno perante a força da natureza, como no caso de uma enchente, por exemplo. A água te coloca para correr, ela vem e você não tem muito tempo.

O que fica é um aprendizado, um sentimento que posso chamar de bom. Aprendi com a separação, com a adoção e com a enchente também. No que diz respeito à enchente, sei que a culpa não é da natureza, o errado somos nós, sou eu que escolhi morar aqui tão perto do rio. Isso se chama falta de planejamento urbano e hoje pagamos um preço alto por isso”.

Essas duas mulheres partilham experiências comuns. Citando algumas: vinculação afetivamente positiva com sua família e com os locais em que residem; origem na classe popular; residência na periferia; magistério, entre outras. Ambas apresentam em suas histórias de vida características de resiliência. Alimentadas pelo desejo de seguir em frente, apesar das adversidades e com elas, demonstram aprendizagens, e, dessa forma, comportamentos de autopreservação e crescimento pessoal, acumulando experiências do passado e desejos em relação ao futuro, em favor do presente, do aqui e agora.

6 UMA FENOMENOLOGIA DA RESILIÊNCIA DE *ELZA* E *VIRGÍNIA*

Uma fenomenologia da resiliência é formada pelo conjunto de características que compõem a pessoa resiliente, expressas em comportamentos e/ou formas de enfrentamento das adversidades sem ser consumidas por estas (GOMES, 2015, 2020). Com base no conceito em questão, apresentaremos a seguir compreensões das falas de *Elza* e *Virgínia* associando-as com a literatura acerca do tema e, dessa forma, constituindo nesta seção o distanciamento reflexivo (FORGHIERI, 1993)¹⁷ desta pesquisa.

Nosso estudo corrobora as ideias de Fraga (2019) para quem a fenomenologia, nossa via de sentido, busca a essência dos fenômenos na existência, na vivência concreta, justamente por meio da vivência com as cheias do rio Benevente, vivenciadas por duas mulheres, buscamos imergir nesse processo de escuta empática, observação e compreensão visando uma descrição de sua fenomenologia da resiliência.

Esta seção se propõe a apresentar os modos de ser resiliente dessas duas mulheres a partir de um binômio composto pelas adversidades e os fatores de proteção, ou seja, do imbricamento entre os revezes e os suportes (diante das dificuldades) que constituíram sua fenomenologia da resiliência.

6.1 ADVERSIDADES, SUPORTES E RESILIÊNCIA

Não há resiliência sem adversidades. Ser resiliente é derivado de uma causa, ou seja, a pessoa é resiliente devido a uma vivência de revés. Nesse sentido, ambas possuem uma experiência familiar adversa em comum: a convivência com pai alcoólatra. Num recorte de suas palavras percebemos isso: “Ele, eu só via no final de semana e bêbado (ELZA).” E ainda: “[...] o meu pai bebia muito nessa época (VIRGÍNIA).”

Os recortes sobre esta vivência são “curtos” e objetivos, mas seus sentidos não. Eles falam por si! Segundo Bertolote (1997), o ato de beber está associado ao lazer, à diversão e até mesmo a rituais sagrados, ou seja, há uma variação no que diz respeito

¹⁷ Compreensões.

ao relacionamento com o álcool. Em alguns países, ele é tido ainda como alimento; em outros, devido à questão cultural, seu uso acaba sendo aceito por grande parte da população, tornando-se cada vez mais uma prática comum e não uma doença a ser tratada.

As pessoas de renda mais baixa tendem a comprometer grande parte de seu orçamento em bebidas alcoólicas (BERTOLOTE, 1997). A disseminação entre as classes populares do hábito de consumir o álcool tem sido objeto de teses e dissertações. Pesquisas como as de Sales (2011) evidenciam que há vinculação estreita entre a miséria social e o alcoolismo, ou seja, as condições de trabalho, de habitação e de saúde funcionam como fatores causadores ou contribuidores para o desenvolvimento e a manutenção do vício.

É possível inferir que os pais das participantes, ambos trabalhadores rurais, que habitavam em zona rural, buscavam nos botequins um espaço de esquecimento dos males e das suas misérias¹⁸ ou uma forma de compensar o trabalho pesado, inebriados pela sensação alcoólica. Assim, provavelmente a bebida era sua forma de alívio.

Pesquisas realizadas sobre a América Latina evidenciam que os homens tendem a beber em maior quantidade e a ter maiores prejuízos com o consumo do álcool. Já as mulheres sofrem com as consequências decorrentes do uso abusivo de seus companheiros, expressas nos casos de violência doméstica (PYNE; CLEASON; CORREIA, 2002).

Nesse sentido, as participantes da pesquisa expressam o quanto o vício paterno comprometeu a qualidade da relação familiar com essa figura. No entanto, para além de vilanizar figuras, apenas com intuito de apresentar vivências adversas comuns, é preciso expressar que o álcool é um problema de saúde pública no Brasil e que necessita de políticas públicas efetivas para sua compreensão e seu tratamento.

Além desse aspecto, *Elza* e *Virgínia* possuem outros imbricamentos comuns: ambas são professoras e filhas de outras professoras e que mantiveram desde cedo uma

¹⁸ Referimo-nos às misérias da vida, às adversidades.

relação de compromisso com a igreja. Além disso, vivenciaram juntas o trauma decorrente da vivência da enchente do rio Benevente em 2020, citando outra singularidade em comum e que auxilia compreensivamente sobre estas mulheres e tal vivência...

Existe outro entrelaçamento adicional entre as duas professoras: a residência em bairros periféricos, nos quais o acúmulo de água é constante e as galerias pluviais não conseguem absorver toda enxurrada, que invade residências, comércios, comprometendo o trânsito e a locomoção de todos. Dizem as participantes: “Aqui é comum as pessoas se preocuparem toda vez que as nuvens escurecem e a chuva ameaça a cair com maior intensidade (VIRGÍNIA)”. E ainda: “Aqui é várzea, a água que tinha aqui virou a vala, a água vem e volta por ali pela vala” (ELZA).

Sendo assim, existe uma relação de naturalização/expectativa diante de uma possível enchente, derivada da falta de infraestrutura e saneamento básico de suas localidades, tornando enchentes e seus estragos “comuns/corriqueiros”, ou melhor como possibilidade. Por outro lado, a naturalização não apaga seu efeito traumático, que muitas vezes é expresso pela negação da realidade:

Era para eu esperar que um dia uma enchente pudesse acontecer e atingir minha casa [...] cansada, dormi e de manhã cedo queria pensar que foi um pesadelo, mas ao abrir a janela e ver ainda tanta água parada, como se fosse uma lagoa, vi que não era pesadelo, era realidade (ELZA).

Há também uma relação de afeto e apreensão com o rio Benevente e as localidades em que habitam. São vinculações afetivas nas quais rio e bairros são concomitantemente amores e temor. *Virgínia* revela essa afetividade pelo rio e pelo local: “[...] paro e penso que antes eu queria um rio perto de minha casa e ficava feliz com isso. Hoje, esse mesmo rio traz algumas preocupações, mas sei que a culpa não é dele [...] eu me apego muito as coisas, ao lugar, as pessoas”.

O fato de desejar morar próxima ao rio, por sentir que estava perto da natureza, faz lembrá-la de sua ingenuidade da época, pois não pensava na hipótese se sofrer com enchentes. Hoje a sua mentalidade é outra, pois reconhece que sua localização geográfica, tão perto do rio, é um fator que contribui para que possa vir a sofrer com as consequências de futuras enchentes, embora, ao mesmo tempo, recorda escolhas que realizou e que lhe proporcionaram momentos também de alegrias no local.

Esse rio nela aviva histórias e recordações inesquecíveis. Recorda momentos bons vividos no local, na casa onde reside até os dias atuais. Suas filhas cresceram ali. Busca, por meio das recordações positivas, manter-se nesse lugar. Nesse sentido, ainda que possa existir uma experiência trágica, as memórias afetivas, as vinculações e um certo otimismo trágico (FRANKL, 1991) a mantêm naquele local.

Elza e Virgínia enfrentaram situações adversas em suas trajetórias de vida, tal como a vivida durante a enchente do rio Benevente, mas não estavam sozinhas, havia mecanismos protetivos para seguirem, o que não significa que foram indiferentes às dores físicas/psíquicas/espirituais pelo ocorrido. Certos mecanismos/suportes internos e externos foram primordiais no processo de enfrentamento das adversidades.

Assim, dentro de uma dança alegórica com a adversidade, num segundo movimento, há os suportes psicológicos/fatores de proteção (CALIMAN, 2000; GOMES, 2004), que fazem referência aos elementos positivos e às condições favoráveis que estimulam e contribuem para que os indivíduos possam enfrentar os obstáculos e/ou as adversidades encontradas em seu caminho (RUTTER, 1987, ASSIS, 1999). No que diz respeito às participantes desta pesquisa, trata-se dos elementos que as auxiliaram no enfrentamento do revés.

Sobre os fatores de risco e de proteção, e tentando melhor defini-los, podemos dizer quanto aos primeiros, trata-se dos fatos traumáticos ou estressantes/desestressantes que acontecem na vida do indivíduo e que deixam marcas. Já os fatores de proteção são todos os apoios que um indivíduo recebe e que o protegem desses impactos traumáticos (GOMES, 2004, p. 23).

As pesquisas sobre o tema indicam que alguns elementos são comumente apontados como contribuidores e/ou estimuladores para a resiliência, entre os quais o controle interno, o suporte social, a autoestima positiva, a inteligência, os baixos afetos negativos, os altos afetos positivos, as habilidades de autorregulação, as práticas e as crenças religiosas, o sentido na vida, as relações de apego, fé e esperança (BONNANNO, 2004; CORTEZ, 2014; GOMES, 2004; MASTEN, 2007; MASTEN; NARAYAN, 2012; SOUTHWICK *et al*, 2014).

No caso de *Elza*, suas características pessoais, que funcionaram como fatores protetivos, foram a fé/religiosidade e o anseio de cuidado. Em suas palavras:

O que ajudou a superar e a ter forças para seguir em frente foi **acreditar em Deus**, que tem um ser superior que está ajudando a gente, que está ao nosso lado dando apoio e força. **Em segundo lugar foi a minha mãe**, pois eu e minha família precisávamos estar bem por ela, para dar a ela o conforto que ela precisava aqui na casa dela (ELZA, grifos nossos).

É preciso também adicionar sua autoestima positiva: “Eu gosto em mim o que eu sou, sou muitas coisas. Observo que hoje o ter é muito importante para muitas pessoas e eu gosto muito de ser” (ELZA).

É necessário diferenciar autoconceito de autoestima, palavras que não são sinônimos, mas, conceitos interligados, sendo o primeiro a percepção que um indivíduo possui de si próprio e o segundo a percepção de seu valor. Dizendo com outras palavras: o autoconceito seria uma definição e a autoestima a sua consequência (GOMES, 2004, p. 29).

Elza desvela uma autoestima positiva, com a função de lócus de controle interno que atua positivamente em seus processos de autorregulação psicológica. Expressando sobre a importância da autoestima positiva, Moysés (2002), influenciada pelo pensamento vigotskiano, indica os influxos da socialização na formação desse conceito, bem como seu papel na produção da auto e heteroafetividade positiva.

Como um fator protetivo externo, destacamos seu senso de comunidade e de pertencimento. A participante relata que permanece até os dias atuais nesse mesmo local onde vivenciou várias adversidades, inclusive a enchente, pois tem dificuldade de se desapegar das coisas e pessoas. Um local escolhido para morar e constituir sua família, que carrega muitas memórias é o que ainda a mantém ali. É sua casa, sua comunidade.

Esse mesmo mecanismo protetivo externo é também compartilhado por *Virginia*. Em suas palavras: “Eu me apego muito às coisas, ao lugar, às pessoas. Aqui é comum as pessoas se preocuparem toda vez que as nuvens escurecem e a chuva ameaça a cair com maior intensidade (VIRGÍNIA)”. Assim, observa-se o desejo e a vinculação que a levam a permanecer nesse lugar em que constituiu sua família e permanece até os dias atuais. Destacamos que o apego (vinculação) também é uma das características citadas na literatura como fator protetivo.

A fala de *Virgínia*, ao referir-se ao tempo, demonstra a preocupação do povo com a probabilidade de chuvas intensas, uma preocupação que resulta em solidariedade sempre que for preciso. As pessoas se preocupam juntas, comunitariamente. Como

fator externo adicional, a professora expressa que contar com a amizade e o apoio dos amigos, vizinhos e familiares, tal como dos profissionais da área da saúde mental, fizeram a diferença nos momentos de grande tensão e dificuldade, desde a enchente até atualmente (neste cenário pandêmico).

No que diz respeito ao seu mecanismo interno protetivo, *Virgínia* relata o cuidado com o outro, ou seja, o anseio do cuidado e de cuidar (assim como *Elza*) como um dos pilares de apoio para lidar com a adversidade. No caso de *Virgínia*, o cuidado está relacionado à adoção de uma criança, que para ela significa uma alegria no viver. Em suas palavras: “Quando adotamos uma criança, as pessoas diziam que havíamos feito um bem para ela, mas, na verdade, quem estava fazendo o bem para mim e para minha família era essa criança” (VIRGÍNIA). “É do equilíbrio dos fatores de risco e de proteção que surge a resiliência, sendo, basicamente, o estado de equilíbrio ou (re) equilíbrio, no qual os traumas ou impactos são aliviados por fatores, que, de alguma forma, “abraçam” e protegem a pessoa”, conforme explica Gomes (2004, p. 23).

As maneiras como cada pessoa enfrenta seus obstáculos é única. O que, para muitos, a perda da casa, da comida, da roupa, dos documentos, do ente querido podem significar o fim da razão de viver, para outros pode ser um abalo considerável, mas possível de recuperação emocional, aprendizagem e fortalecimento (GROTBORG, 2005).

Depois disso tudo, posso dizer que a enchente nos dá uma lição muito grande. Mesmo que você não queira levar em consideração, você é obrigado, porque você é muito pequeno perante a força da natureza. O que fica é um aprendizado, um sentimento que posso chamar de bom. Aprendi... (VIRGÍNIA).

Para Frankl, a dor pode ser enfrentada de forma positiva se for compreendida como provedora de algum sentido (FRANKL, 1991), sobretudo se o olhar voltar-se ao futuro; para um desejo e/ou motivo para além dessa e/ou por meio de uma racionalização que lhe oferte sentido (a dor). Friedrich Nietzsche, em sua obra *Ecce Homo* (2003), também nos apresenta a experiência do sofrimento como potencializadora de novas maneiras de viver, pois entende a vida como experimentação.

A frase de Nietzsche citada por Viktor Emil Frankl no prefácio do livro *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, expressa essa ideia: “Quem tem um ‘porque viver’ aguenta quase qualquer ‘como’” (FRANKL, 1991). Sendo assim,

quando atribuímos um sentido à dor, bem como temos anseios para além dela, seja pela fé, seja pelas relações de cuidado¹⁹. Somos capazes de manter uma relação, na qual a experiência negativa pode gerar um efeito traumático parcial, mas não totalmente destrutivo, nesse sentido, a partir de sua superação e seu fortalecimento (NIETZSCHE, 2011).

Por fim, dentro da compreensão de uma fenomenologia da resiliência, na concepção de tendência atualizante concebida por Rogers e Kinget (1979), o ser humano possui uma propensão natural de autopreservação que visa à saúde orgânica e mental. Trata-se da resiliência e de seus processos de enfrentamento, que, a partir dos imbricamentos sociais e fatores protetivos, favorecem a compreensão, o anseio e o entendimento da adversidade como algo a ser transplantado. Dessa forma, se não podemos evitar a dor, precisamos “inventar” modos de fortalecimento diante dela.

Nas falas de *Elza* e *Virgínia*, observamos processos de adaptação como respostas ao enfrentamento de adversidades significativas. No caso desta dissertação, nos referimos à enchente do rio. Cada uma possuiu seus mecanismos internos e externos necessários para se manterem psicologicamente estáveis diante dessa experiência traumática. Inferimos que ambas projetaram no futuro desejos e sentidos particulares, sem se refugiar no passado ou se angustiar pelo presente adverso, transcendendo vivências trágicas (algumas comuns) em prol da autopreservação e do crescimento pessoal.

¹⁹ Como o cuidado de *Elza* com a mãe e o sentido dado à adoção da filha por *Virgínia*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fenômenos naturais, como as enchentes, têm sido cada vez mais recorrentes. Compete a nós, seres humanos, grande parcela de responsabilidade, pois as práticas humanas inadequadas, como a poluição, o desmatamento, a ocupação irregular, entre inúmeros fatores, contribuem para intensificar esse processo.

Na obra *Emoções e linguagem na educação e política*, de Humberto Maturana, o autor apresenta-nos que a ideia embutida em nossa cultura ocidental leva o ser humano a acreditar que detém o controle de tudo, inclusive da própria natureza, mas isso é um ledo engano (MATURANA, 1998). O conhecimento deve levar o ser humano para ações que visem ao bem-estar de todos e à harmonia entre o homem e a natureza.

Precisamos aprender a conviver com o rio, a respeitar o seu espaço, a praticar ações voltadas para o reflorestamento, ou seja, para que a vegetação possa reter mais a água em dias chuvosos e para que a água não corra imediatamente para o rio. Pensar no progresso, no avanço tecnológico e no lucro, deixando de lado o respeito e a compreensão do mundo natural, não é progresso; pelo contrário, é o que Krenak (2020) chama de experimentar uma ecologia do desastre por meio de uma economia do desastre. Ao abordar a temática da ecologia do desastre, Krenak vem reforçar a ideia de que naturalizar o problema é aceitá-lo, é acomodar-se diante da situação, como poluir um rio e oferecer à população água por meio de caminhão-pipa, ou seja, ao invés de buscarmos soluções para reverter o problema, vamos nos adaptando à situação.

Segundo o ativista, o ser humano deveria carregar com ele essa ideia de pertencimento à natureza e a consciência de estarmos vivos deveria nos atravessar a todo instante. Estar vivo é uma dádiva! Em sua obra *A vida não é útil*, Krenak critica as tendências destrutivas a que nós, seres humanos, estamos nos entregando em nome de uma suposta civilização. O desmatamento, o consumo desenfreado e a economia em primeiro lugar em detrimento da vida é uma conta alta que teremos que pagar, pois já começamos a sentir na pele os efeitos de nossas atitudes e escolhas (KRENAK, 2020).

No que diz respeito à enchente ocorrida em Alfredo Chaves em 2020, será que podemos dizer que houve um vencedor e um derrotado? A natureza não está se revoltando contra o homem, tampouco medindo forças com ele, apenas fazendo o seu percurso natural, como é o caso do rio. Ele só queria passar. O intuito não era levar casas, bens materiais, pessoas, animais, pelo contrário, ele só queria realizar o seu percurso natural, mas a intervenção humana alterou o seu percurso e, por consequência, problemas ocorreram, como mortes, prejuízos e inundação. Isso não acarreta apenas consequências para os humanos, mas para a própria natureza. Áreas de vegetação são destruídas, animais são mortos, matas ciliares devastadas, enfim, será que podemos dizer que houve um vencedor?

A enchente ocorrida ocasionou várias consequências para a população alfredense. Os danos transcenderam a barreira material e atingiram aspectos psicológico-emocionais. Justamente ainda dentro desse cenário pós-enchente, chegou a pandemia da Covid-19, algo que exigiu ainda mais de todos, especialmente daqueles que ainda se encontravam em percurso de recuperação da enchente em questão. Doenças assolavam a população em decorrência do vírus da Covid-19, mortes ocorreram e, mais uma vez, a população precisou buscar artifícios pessoais e/ou coletivos para seguir firme com esperança em dias melhores.

Com *Elza* e *Virgínia* não foi diferente. Ambas não deixaram de relatar suas dores, suas preocupações com tudo que estava ocorrendo, inclusive com a Covid. Para *Elza*, o cenário pós-enchente e o início da pandemia deixaram marcas inesquecíveis, pois registrou o espaço/tempo do falecimento de sua mãe. Em meio à dor da perda, *Elza* buscou amparo na fé, nas lições maternas, na família, nos amigos, nos filhos e no seu trabalho social. A morte, a doença e as perdas, em geral, nos ensinam a viver cada dia intensamente, enfim, a possibilidade de morte nos ensina a viver.

Elza e *Virgínia* evidenciam, na reação à adversidade do presente, sua vontade de viver e aproveitar cada minuto de suas vidas e de sua fenomenologia da resiliência. Por fim, a resiliência é como uma dança bem-sucedida, cuja música é a própria vida, contudo os dançarinos/bailarinos não dançam de forma solitária, mas sim uns com os outros; num processo individual, mas também coletivo.

Antes de concluir, preciso compartilhar algo pessoal... Como uma iniciante nos estudos na área da Fenomenologia, não poderia terminar este pós-escrito sem escrever minha versão de sentido sobre os percalços, as aspirações, as expectativas, a motivação diante do processo de pesquisa e de ser pesquisadora.

Quando iniciei o curso, no auge da pandemia da Covid- 19, a sensação inicial foi de grande preocupação e angústia. Realizar uma pesquisa de mestrado profissional ocorrendo dentro de um cenário pandêmico com isolamento e/ou distanciamento social foi algo realmente desafiador. Foi preciso buscar forças para manter-me firme. A pandemia interferiu psicologicamente na vida de grande parte da população e comigo não foi diferente.

No entanto, era necessário seguir... Quando chegou o momento do trabalho de campo, os encontros com as participantes ocorreram com horários e local estabelecidos por elas, seguindo todos os protocolos de segurança. Era visível, apesar das máscaras e de todos os cuidados tomados, o quanto as participantes desejavam desvelar-se.

Relembrar os momentos vivenciados durante a enchente ocorrida em Alfredo Chaves no ano de 2020, ao mesmo tempo que vivenciavam um outro “cenário de guerra²⁰”, não foi algo tão simples, pois havia muitos sentimentos vivenciados/sentidos e que estavam sendo aflorados no momento.

Ouvir cada relato e observar cada olhar, gesto, mesmo com o rosto encoberto por uma máscara, foi algo inexplicável. Com a enchente, a lama encobriu roupas, casas, pele e, com a pandemia, novamente rostos e parte dos corpos das pessoas foram encobertos por equipamentos de segurança, embora em nenhuma das situações as emoções deixassem de ser sentidas/vivenciadas/expressas.

Apesar das (e com as) adversidades, *Elza* e *Virginia* são seres humanos em busca de sentido e de um significado para as coisas; são resilientes. Afirma Viktor Frankl (1945) em sua obra *Em busca de sentido*: “Podem roubar tudo de um homem, salvo uma

²⁰ Assim chamado pelas participantes da pesquisa.

coisa: a última das liberdades humanas — a escolha da atitude pessoal frente a um conjunto de circunstâncias — para decidir seu próprio caminho”.

As sensações aqui deflagradas refletem a verdadeira expressão do vivido/sentido. Não visamos conclusões, pois acreditamos que o verdadeiro sentido para uma pesquisa fenomenológica está no desvelamento dos fenômenos e, para isso, não há fórmulas prontas, exatas, tampouco pressuposições. O intuito é desnudar “[...] o mistério do mundo e o mistério da razão”, como afirmou Merleau-Ponty no Prefácio da Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 2011).

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea, 2010.
- ALFREDO CHAVES (Município). **Diagnóstico Técnico-Participativo**: Plano Municipal de Saneamento Básico. Prefeitura de Alfredo Chaves, 2017. Disponível em: www.camaraalfredochaves.es.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2022.
- ALFREDO CHAVES (Município). **Prefeitura**. Disponível em: www.alfredochaves.es.gov.br. Acesso em: 20 dez. 2021.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta**: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- BAPTISTA, Gustavo Tassis. **Bem-estar de pessoas transexuais**: a contribuição da psicologia positiva. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.
- BARLACH, Lisete. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BERTOLETE, José Manoel. Problemas sociais relacionados ao consumo de bebidas. *In*: RAMOS, Sérgio de Paula.; BERTOLETE, José Manoel. **Alcoolismo hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 131-138.
- BONANNO, George A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? **American Psychologist**, v. 59, n. 1, p. 20-28, 2004.
- CALIMAN, Geraldo. **Promuovere “resilience” como risorsa educativa**: dai fattori di rischio ai fattori protettivi. **Orientamenti pedagogici: rivista internazionale di scienze dell'educazione**, Roma, v. 47-1, n. 277, p. 19-44, 2000.
- CALAZANS, Marcos Moraes. **Ciência semicolonial**: uma análise da cientificidade do conflito gerado pelo crime semicolonial. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia e Letras) – Universidade de Alicante, Alicante; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- CAMARGO, Luciene dos Santos. **Concepções de adolescentes sobre a escola: do risco à proteção**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.
- CAMPOS, Paula. Phainomenon e logos na apropriação de fenomenologia de Heidegger: uma leitura de § 7 de Ser e Tempo. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de fora, v. 10, n. 2, p. 1-11, dez. 2007. Disponível em:< http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/11/10_2_paula.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CANGUSSU, Everton Taveira. **A resiliência nos empreendedores egressos do Banco do Brasil**: um estudo fenomenológico. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Brasília, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

CORREIA, Kátia Maria De Almeida. **Avaliação da capacitação dos multiplicadores do projeto “nossas crianças: janelas de oportunidades”** a partir da percepção dos sujeitos participantes do processo. 2007. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORTEZ, Cristián Pinto. Resiliencia psicológica: una aproximación hacia su conceptualización, enfoques teóricos y relación con el abuso sexual infantil. **Summa psicológica UST**, v .11, n. 2, p. 19-33, 2014.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **A presença da pedagogia**: teoria e prática da ação socioeducativa. São Paulo: Global, 1999.

CUNHA, Lucília Alves. **Adolescentes com deficiência**: um desafio pastoral. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

CRUZ, Emmanuel Dário Gurgel da. **Experiências da escola**: além dos limites da cegueira. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

DUARTE, Joyce Maria Gabriel. **Ser profissional de saúde com deficiência no ambiente hospitalar**. 2018. Tese (Doutorado em Atenção à Saúde) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.

FERREIRA, Windyz Brazão. **Gênero e deficiência**: uma história feminina de ruptura e superação de vulnerabilidade. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FERREIRA, Louani Queiros Alves. **Trajetórias de inclusão no Ensino Superior**: uma análise na perspectiva de um grupo de jovens universitários com deficiência. 2018. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

FORGERINI, Mariana. **Sobreviver ao câncer de mama**: vivências de mulheres fora de tratamento e o fenômeno da resiliência. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual, São Paulo, 2010.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. A fenomenologia e suas relações com a psicologia. *In*: FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993. p. 13-22.

FRAGA, Maria Amélia Barcellos. **O método fenomenológico de pesquisa e o professor do atendimento educacional especializado em altas habilidades/superdotação**: desvelando vivências a partir de uma formação continuada. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Paulo: Vozes, 1991.

FREITAS, Carlos Machado de; XIMENES, Elisa Francioli. Enchentes e saúde pública: uma questão na literatura científica recente das causas, consequências e respostas para prevenção e mitigação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1601-1615, 2012.

GOMES, Vitor. Ensaio sobre uma fenomenologia da resiliência em Charlie Brown: contextos interrelacionais em Peanuts. **Revista Intersaberes**, São Paulo, v. 15, n. 36, p.764-784, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22169/revint.v15i36.1953>.

GOMES, Vitor; ALMEIDA, Doriedson Alves de; MACIEL JUNIOR, Edson. De Jornada das estrelas a Sophia: um ensaio fenomenológico sobre a destituição do humano e suas imbricações educacionais. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 1, p.315-339, 2019. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/725/425>. Acesso: 8 jun.2022.

GOMES, Vitor. **O bom-humor de professores de uma escola especial e a comicidade que a corrompe**: uma “leitura-sentida a partir de Bergson”. 2008. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

GOMES, Vitor. **Três formas de ser resiliente**: (des)velando a resiliência de adolescentes no espaço escolar. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

GROTBERG, Edith Henderson. Introdução: novas tendências em resiliência. *In*: MELILLO, Aldo; OJEDA, Élbio Nestor Soares (Org). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

GROTBERG, Edith Henderson. Nuevas tendencias en resiliencia. *In*: MELILLO, Aldo; OJEDA, , Élbio Nestor Soares (Comp.). **Resiliencia**: descubriendo las propias fortalezas. Buenos Aires: Paidós, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. Resiliência. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva; Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia; Banco de Dados da Língua Portuguesa, 2009. p. 1641.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. *In*: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (Org.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p.41-64.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Censo demográfico**, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2021.

JOAQUIM, Fabiana Lopes *et al.* Percebendo o outro: relato de experiência sobre uma entrevista fenomenológica. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 5, n. 5, e55953175, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3175>.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho. **Rede família**: uma tecnologia social e seu diálogo com a promoção de resiliência comunitária e a educação ambiental. 2013. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Aurino Ferreira. **Resiliência integral**: um caminho de possibilidades para formação humana de futuros docentes. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

LORENZON, Alexandre Simões *et al.* Influência das características morfométricas da bacia hidrográfica do rio Benevente nas enchentes de Alfredo Chaves. **Rev. Ambient. Água**, Taubaté, v. 10. n. 1, p.195-206, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.4136/ambi-aqua.1475>.

MACHADO, Letícia Rocha. **Construção de uma arquitetura pedagógica para cyberseniors**: desvelando o potencial inclusivo da educação a distância. 2013. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MARZOL, Rosinha Mattos. **Um estudo sobre os cuidadores das instituições de abrigo e o papel de proteção**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.

MASSAVI, Viviane da Silva. **População em situação de rua**: desvendando olhares das razões vulneráveis. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

MASTEN, Ann S. Resilience in development systems: progress and promise as the fourth wave rises. **Development and Psychopathology**, v. 19, n. 3, p. 921-930, 2007.

MASTEN, Ann S.; NARAYAN, Angela J. Child development in the context of disaster, war, and terrorism: pathways of risk and resilience. **Annual Review of Psychology**, v. 63, p. 227-257, 2012.

MATTOS, Carmen Lucia Guimarães de. **Tornar-se aluno: identidade e pertencimento um estudo etnográfico**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MIANES, Felipe Leão. **Produções identitárias das pessoas com deficiência visual no Orkut**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MOYSÉS, Lucia. **A autoestima se constrói passo a passo**. São Paulo: Papirus, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomsom, 2002.

MURATA, Marília Pinto Ferreira. **Vulnerabilidade e resiliência: fatores de risco e proteção em escolares com necessidades educativas especiais**. 2013. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

NICOLESCU, Basarab. **La transdisciplinarite**. Paris: Rocher, 1996.

NORA, Giseli Dalla. **A água e a cartografia do imaginário nos climas de três territórios geográficos**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

NUNES, Angela Nobre de Andrade. **Impacto do fracasso escolar no desenvolvimento do desamparo adquirido**. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1988.

NIETZSCHE, Friederich. **Ecce Homo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

OLIVEIRA, Nayara Gomes Nunes de. **Envelhecimento ativo entre idosos residentes na Microrregião de Saúde de Uberaba, Minas Gerais**. 2020. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2020.

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS – IPCC. 2021: *Mudança climática 2021: relatório de síntese. Contribuição dos Grupos de Trabalho I, II e III*

ao Quinto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [Equipe de Redação do Núcleo, RK Pachauri e LA Meyer (Ed.)]. Genebra, 2021.

PAIVA, Jacyara Silva de. **(Sobre)vivências**: um estudo fenomenológico-existencial acerca dos modos de ser sendo crianças e adolescentes em situação de rua. 2006. 266 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

PEREIRA, Wilma Dantas. **Corpo e significado**: percepções de portadores de diabetes *mellitus* tipo 2. 2006. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PEREIRA, Winnie Bruna de Souza. **Aprendendo com desastres naturais**: inundações e resiliência em Vila Velha/ES. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

PESSOA, Alex Sandro Gomes. **Trajetórias negligenciadas**: processos de resiliência em adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

PINEL, Hiran. **Adolescentes infratores**: sobre a vida, o autoconceito e a psicoeducação. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1989.

PINHEIRO, Edna Gomes. **Do limiar da casa ao olho da rua**: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura – das práticas singulares à pluralidade do olhar da Ciência da Informação. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PYNE, Hnin Hnin; CLAESON, Mariam; CORREIA, Maria. **Gender Dimensions of Alcohol Consumption and Alcohol Related Problems in Latin America and the Caribbean**. Washington, D.C.: Banco Mundial, 2002.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A entrevista fenomenológica. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 4., 2010, Rio Claro. **Anais [...]**. Rio Claro: SIPEQ, p.1-8.

RAYMUNDO, Rosana Salles. **Resiliência em docentes**: sentido e significado na prática profissional no contexto da educação básica. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Social e Humana) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2014.

ROGERS, Carl Ransom; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

RUTTER, Michael. Psychological resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 57, p. 316-331, 1987.

SALES, Eliana Vieira. **Flagelo da humanidade**: saberes e práticas acerca do alcoolismo (Recife 1930-1939). 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SANTOS, Luciene dos. **Concepções de adolescentes sobre a escola**: do risco à proteção. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

SANTOS, Isabela, Samogim. **Processos de resiliência em universitários com deficiência**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2018.

SANTOS, Oswaldo de Barros. A importância da obra de C. Rogers. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 8, n. 1, p. 34-36, 1988. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QWVbzGJDjy4DM94GjPjRkbS/?lang=pt> . Acesso em: 2 jan. 2022.

SETIN, Bruna Januário. **Avaliação da resiliência e fatores de vulnerabilidade em mães de crianças surdas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

SILVA, João Tadeu da Silva. **O medo e suas origens**: um estudo fenomenológico com jovens executivos. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Mestrado Profissional Executivo em Gestão Empresarial, Escola de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SIQUEIRA, Marília Parreiras Maia. **Enfrentamento religioso em situações de sofrimento**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUTHWICK, Steven M. *et al.* Resilience definitions, theory, and challenges: interdisciplinar perspectives. *European Journal of Psychotraumatology*, v. 5, n. 1, 25338, 2014.

SOUZA, Karina Silva Molon de. **A aprendizagem docente e a inclusão de cotistas B em novos contextos na universidade**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

SOUZA, Andressa Raquel de Oliveira. **Quando a vida ensina a ser resiliente**: um estudo sobre mulheres vítimas de violência no município de João Pessoa-PB. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SCHLINDWEIN, Jaqueline Renata. **O discurso e a prática do gerenciamento de resíduos sólidos urbanos (RCU)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

TELES, Shirley, Santos. **Câncer infantil e resiliência**: investigação fenomenológica dos mecanismos de proteção na díade mãe-criança. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TORRES, Maria Madalena de Souza Matos. **Perspectivas de mulheres que vivenciaram o abortamento**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

TUCCI, Carlos Eduardo Morelli. **Hidrologia**: ciência e aplicação. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS; ABRH, 2001.

YANAGA, Thais Watakabe. **Inclusão escolar e processos de resiliência em adolescentes e jovens da Educação Especial**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

YUNES, Maria Ângela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *In*: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Angela Mattar (Org.). **Resiliência e Psicologia Positiva**: interfaces do risco à proteção. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006. p. 45-68. v. 1.

APÊNDICE A – UMA VERSÃO DE SENTIDO

SOB A LAMA DO BENEVENTE, EIS QUE NASCE A ESPERANÇA!

O ano de 2020 iniciou e com ele votos de renovação e esperança. Brindamos por dias melhores! O brinde veio regado de sorrisos, brilho no olhar, fogos de artifício, *selfies*, mas nele não havia lama, não havia medo, desespero, apenas esperança!

Brindamos por termos saúde, um teto para morar, os filhos perto da gente, seja fisicamente, seja na eterna lembrança, enfim, brindamos à vida!

A reprise de 2012 veio bater na porta dos alfredenses, mas, desta vez, com um pouco mais de fervor. A cena de filme de terror se repetiu e, mais uma vez, a lama tentou soterrar nossas esperanças!

Em meio à chuva, perdemos muitos bens materiais, mas o pior foi saber que famílias foram literalmente destruídas, vidas foram ceifadas. Comerciantes desolados, casas inundadas, falta de energia, água, alimentos... mais uma vez viramos notícia de jornal. Que tristeza!

Desejamos que a pequena cidade de Alfredo Chaves seja reconhecida e lembrada pelas suas belezas, pelo povo acolhedor, honesto e trabalhador e não por “desastres” como esse.

O povo segue armado, mas com vassouras, baldes e mangueiras, pois é um povo bom e guerreiro, que tem um coração cheio de amor e fé. Afinal de contas, somos fortes, somos alfredenses... E lama nenhuma será capaz de impedir que renasça a esperança!

Vida que segue, guerreiros!

Rayane Tomazini Bressanelli.